

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU
HISTÓRIA SOCIEDADE E CULTURA**

ANNA PAULA VALIENGO GONZALEZ

A TRANSIÇÃO EM CUBA VISTA PELA IMPRENSA

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação Lato-Sensu em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção do grau de Especialista em História.

ORIENTADOR: Prof. Ms. Miguel Tavares de Almeida.

São Paulo
2009

ANNA PAULA VALIENGO GONZALEZ

A TRANSIÇÃO EM CUBA VISTA PELA IMPRENSA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Especialista em História.

Orientador: Prof. Ms. Miguel Tavares de Almeida.

São Paulo
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

ANNA PAULA VALIENGO GONZALEZ

A TRANSIÇÃO EM CUBA VISTA PELA IMPRENSA

Monografia aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Lato-Sensu em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo professor abaixo identificado.

São Paulo, _____ de _____ de 2009.

Prof. Ms. Miguel Tavares de Almeida.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

“Guantanamera, guajira guantanamera
Guantanamera, guajira guantanamera
Yo soy un hombre sincero, de donde crece la palma
Yo soy un hombre sincero, de donde crece la palma
Y antes de morir yo quiero, cantar mis versos del alma
Cultivo una rosa blanca, en julio como en enero
Cultivo una rosa blanca, en julio como en enero
Para el amigo sincero, que me da su mano franca
Mi verso es un verde claro, y de un carmin encendido
Mi verso es un verde claro, y de un carmin encendido
Mi verso es un ciervo herido, que busca en el monte amparo.”

José Fernández Díaz

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar dados apresentados pela imprensa brasileira, especificamente a proposta do Jornal O Estado de São Paulo nos anos de 1959 e 1960, onde trará interpretações acerca da Revolução Cubana e uma suposta implantação do socialismo na América Latina.

Ao transitar pelas esquerdas no Brasil, temos as grandes dificuldades advindas com a formação básica de partidos de esquerda e do verdadeiro conceito de revolução, refletindo a impossibilidade de ascensão dos mesmos. Contudo, no período João Goulart temos todo um aparato ideológico desenvolvido, que remonta a questão de uma grande ameaça para o Estado.

Será destacada a proposta anticomunista e em que medida esse contexto influenciou o golpe militar de 1964 no Brasil. O anticomunismo é o grande propiciador de manobras políticas, pois em seus alicerces determina toda uma conjuntura manipuladora de opinião, onde são construídos conceitos que perpetuam no imaginário popular de geração para geração.

Palavras- chave: Anticomunismo, Imprensa, Revolução.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CUBA E A REVOLUÇÃO	13
3	O PCB E O COMUNISMO NO BRASIL.....	22
4	O ANTICOMUNISMO NO BRASIL DE JANGO.....	30
4.1	A INFLUÊNCIA.....	41
5	O ANTICOMUNISMO E O JORNAL.....	47
6	O QUE FICOU?.....	60
7	CONCLUSÃO.....	67
	REFERÊNCIAS.....	69
	GLOSSÁRIO.....	74
	APÊNDICES.....	75
	ANEXOS.....	80

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Capa de livro – Charge.....	28
Figura 2	- Fotografia do Jornal – O Estado de São Paulo 1.....	32
Figura 3	- Fotografia do Jornal – O Estado de São Paulo 2.....	41
Figura 4	- Ilustração sobre Fidel Castro 1.....	45
Figura 5	- Ilustração sobre Fidel Castro 2.....	45
Figura 6	- Página do Jornal – O Estado de São Paulo.....	49
Figura 7	- Fotografias do Jornal – O Estado de São Paulo 3.....	57
Figura 8	- Fotografia do Jornal – O Estado de São Paulo 4.....	59
Figura 9	- Propaganda Turística de Cuba.....	64
Figura 10	- Charge de revista.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADFG	– Ação Democrática Feminina Gaúcha
ADP	– Ação Democrática Popular
AIB	– Ação Integralista Brasileira
ANL	- Aliança Nacional Libertadora
ANTIMIL	– Comitê Antimilitar
CAMDE	– Campanha da Mulher pela Democracia
CDF	– Cruzada Democrática Feminina
CIA	– Central de Inteligência Norte-Americana
GAP	- Grupo de Ação Patriótica
IC	– Internacional Comunista
LDN	– Liga da Defesa Nacional
LIMDE	– Liga da Mulher Democrática
MAF	– Movimento de Arregimentação Feminina
MMC	– Movimento por um Mundo Cristão
MNR	- Movimento Nacional Revolucionário
MRT	– Movimento Revolucionário Tiradentes
MSD	– Movimento Sindical Democrático
OEA	– Organização dos Estados Americanos
PUA	– Pacto de Unidade e Ação
REDESTRAL	– Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres
RM	– Rearmamento Moral
UCF	– União Cívica Feminina

INTRODUÇÃO

A ideologia anticomunista gerada no contexto da Guerra Fria, é debatida em nossos dias por partidários da esquerda e da direita, por suas relações estabelecerem um arcabouço histórico, político e econômico para a compreensão de conceitos geradores de perspectivas em torno dos rumos do socialismo e possíveis influências para o nosso país.

A ameaça comunista delineada pela instituição de um governo revolucionário na América Latina, na ilha de Cuba, foi alvo de especulações por parte dos grupos conservadores e de direita como por exemplo a UDN, que faziam parte do cenário político brasileiro entre os anos de 1959 e 1960.

A instalação do governo castrista e a adesão ao socialismo no modelo soviético, propõe uma interferência direta e indireta nas relações a serem definidas pelo Brasil em sua política externa no período pré-64, na medida em que remete à ideologia anticomunista apregoado pela elite dominante.

O embrião anticomunista de 1917 vem sendo nutrido e apresentado em diversos momentos da nossa história, como em 1935, na posterior crise militar de 1961 e principalmente no golpe político-militar de 1964.

O discurso e as manobras políticas de presidentes brasileiros como Jânio Quadros e João Goulart, com relação aos ideais reformistas e populares, em prol da democracia e de uma terceira opção entre o capitalismo e o socialismo, são alvos de especulações e abertos a muito do que comporta a proposta dos anticomunistas.

Mais de quatro décadas se passaram desde o golpe militar no Brasil, fazendo-nos observar de qual forma os fatores ligados ao anticomunismo e ao processo revolucionário cubano influenciaram nas decisões tomadas para conter o avanço da esquerda pela América-Latina.

O objetivo específico deste trabalho gira em torno da seguinte questão: De que maneira a Revolução Cubana foi interpretada pela imprensa brasileira, para a construção da ideologia anticomunista no objetivo de sua campanha de propaganda contra o governo João Goulart?

Nesse sentido, trataremos um pouco das características fundamentais referentes a uma experiência socialista na América Latina, que teve e ainda tem grande repercussão mundial.

Trataremos de aspectos da trajetória da ilha de Cuba, pois define a autodeterminação de um povo e suas conquistas; a importância da luta pela liberdade frente à dominação imperialista e o pioneirismo acerca da construção de um novo modelo de sociedade.

Relataremos em um breve apanhado histórico, pontos essenciais que abrangem desde a iniciativa de colonização espanhola, passando pelo processo revolucionário, até as consequências da implantação dos novos conceitos organizacionais no país (políticos, sociais e econômicos), para o seu povo e para o mundo.

Traremos um pouco das experiências comunistas em nosso país, através de uma simples análise da trajetória do Partido Comunista Brasileiro, para que possamos perceber qual seria a influência deste ou daquele momento para a adoção dos moldes revolucionários cubanos em nossas políticas de esquerda.

Observaremos a passagem histórica do governo Quadros ao governo Jango, algumas especificidades e a divulgação do anticomunismo nesse contexto. Além disso, discutiremos os passos fundamentais que levaram ao golpe, aliados às pregações dos grupos anticomunistas.

Citaremos a forma como foi adotado o sistema socialista pela ilha de Cuba, uma vez que tornou-se uma opção única (devido a rejeição norte-americana) e plausível para o momento vivenciado. Além de identificar as possíveis influências para o Brasil.

Através de um resgate de opinião elaborada e propagada pela imprensa jornalística brasileira de 1959 e 1960, com o Jornal: O Estado de São Paulo, teremos a afirmação da posição tomada pelas classes conservadoras diante da “ameaça comunista.”

Nesse âmbito procuraremos qual a visão da elite dominante, representada pela imprensa jornalística brasileira frente à Revolução Cubana, a instalação do socialismo na América-Latina e as influências dessa conjuntura para a promoção do golpe militar de 1964.

Por fim, apresentaremos um capítulo que representa a herança do anticomunismo para a nossa sociedade atual, como ele persiste no imaginário social e como é trabalhado pelas diversas frentes da mídia brasileira, inclusive o Jornal: O Estado de São Paulo. Para tal explanação, enfocaremos a saída de Fidel Castro do poder no ano de 2008 e como se deu a repercussão de tal acontecimento.

CUBA E A REVOLUÇÃO

Cuba foi à primeira ilha a ser avistada pelos espanhóis recém-chegados à América e foi nela que eles se estabeleceram e desenvolveram os seus projetos de conquistas e colonização.

Em seus primeiros movimentos, temos o militar Diego Velásquez e até então seu secretário Hernan Cortez, como comandantes da sangrenta tomada “final” da ilha em 1511 e posteriormente propostas de novas dominações como revelam alguns registros:

Mui altos e mui poderosos excelentíssimos príncipes, mui católicos e mui grandes reis e senhores: Acreditamos que vossas majestades, por cartas de Diego Velásquez, tenente e almirante na Ilha Ferrnandina¹, tenham sido informados de uma terra nova, descoberta há pouco mais de dois anos, que a princípio foi chamada pelo nome de Cozumel e logo depois chamada de Yucatán (...)

(CORTEZ, 2007, p. 13).

Nesse contexto temos o início do primeiro genocídio ocorrido no novo mundo, onde milhares de indígenas foram exterminados, além do início do tráfico de escravos e também a formação do principal ponto de cruzamento das rotas marítimas.

Podemos dizer que Cuba foi a primeira colônia espanhola na América (fornecedora de açúcar e tabaco), e a última colônia latino-americana a conquistar a sua “independência”, que foi ocorrer em 1898 e formalmente em 1901.

A *Guerra dos Dez anos* (1868- 1878), formalizou a primeira tentativa de luta pela liberdade, contudo foi violentamente reprimida pelos colonizadores. Surge no período uma figura que merece destaque em nossos estudos que é José Martí.

José Martí sempre esteve engajado nos movimentos em prol da independência. Teve grande importância na fundação do Partido Revolucionário Cubano, tornando-se seu delegado em 1895. Liderou uma guerra heróica contra os espanhóis e também contra os Estados Unidos,

¹ Cuba

acreditando que “Os cubanos estavam preparados para serem livres e governarem-se a si próprios”.²

Podemos dizer que muitas foram as vezes que o governo dos EUA tentou mediar a situação conflituosa entre Espanha e Cuba, mas a potência européia não aceitou esse tipo de intervenção acabando por entrar em disputa com os norte-americanos pela posse da ilha.

Houve um combate fulminante, que se estendeu a Porto Rico e até às Filipinas. Ao nomearem o general norte-americano Leonardo Wood como governador militar (após a sujeição do país sob o seu domínio), conseguiram que a Espanha renunciasse o direito de propriedade de Cuba.

A ingerência norte-americana foi institucionalizada pela Emenda Platt, que garantia legalmente sua intervenção no país. Sader (1992, p.8) com propriedade, complementa, ao comentar sobre essa situação que “além disso, a Emenda outorgava aos norte-americanos o direito de estabelecer uma base militar em território cubano, na região oriental de Guantánamo, até o ano de 1999, base que sobrevive até hoje.”³

Ao pensarmos em toda essa conjuntura, não podemos deixar de nos remeter à estrutura econômica que acaba por ser desenhada. Temos a participação maciça do capital estrangeiro e atividades fundamentais como transportes, energia e serviços públicos controlados por empresas estrangeiras. No campo, a posse da terra estava concentrada nas mãos de poucos, na sua maioria também de estrangeiros (grandes latifundiários).

(...) Os EUA passaram a controlar 90% das minas, 50% das terras, 67% das exportações e 75% das importações. Dentro desse império se situavam a maior fábrica da Coca-Cola do mundo- valendo-se do açúcar barato da ilha – e a mais poderosa gráfica da língua espanhola – a da revista Seleções. A primeira linha aérea internacional regular, criada pela então poderosa Pan American, foi entre Miami e Havana.

(SADER, 1992, p.8).

A manutenção dos EUA no “poder” de Cuba, foi garantido pela intervenção direta do exército e da Emenda Platt. Temos então, diversas autoridades ditatoriais que sustentaram os

² Citação de José Martí In: BLANCO A, CARLOS D. *Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868 - 1959)*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 108p.

³ Em 21/01/ 2009, a base de Guantánamo é desativada pelo recém-empossado presidente dos EUA Barack Obama, porém sem a desocupação efetiva dos prisioneiros ali instalados.

objetivos daquele país. Dentre eles podemos citar: General José Miguel Gómez, Willian Taff, Charles A. Magoon, Mário G. Menocal e Gerardo Machado.

Em 1933, Gerardo Machado foi derrubado por um movimento popular que acabou por ter como consequência o governo de um sargento chamado Fulgêncio Batista (1934).

Dentre os principais feitos de Batista, temos a construção de uma cidade esportiva, de um aeroporto militar, reforço à empresa de transportes (monopólio dos Estado Unidos) e a construção de um túnel sob a baía de Havana que custou 35 milhões de dólares.

A construção de muitos hotéis requintados, que interessavam aos mafiosos norte-americanos, acabou por transformar a ilha em uma espécie de bordel de luxo, pois gerou para Havana uma fama internacional de prostituição e exploração. Além disso temos a proliferação de cassinos e casas noturnas.

Fulgêncio foi sucedido por dois presidentes que mantiveram a corrupção e a subordinação aos EUA. Em 1952, houve a possibilidade de que um partido da oposição tomasse o poder, assim, Fulgêncio dá um golpe militar e retorna ao governo.

Nesse momento, temos o surgimento de uma grande personagem na história de Cuba: Fidel Castro Ruz. Filho de família abastada, com uma ótima condição educacional, que desde jovem da início à carreira de advogado, participa de movimentos estudantis na luta contra o imperialismo.

Em 26 de julho de 1953, Fidel (já advogado formado – 1950), como líder do MNR, convicto de que a ditadura deveria ser destruída e que para isso seria necessária a movimentação das massas, aliou-se ao seu irmão Raul e mais uma centena de pessoas e colocaram em prática um plano de tomada militar do quartel de Moncada em Santiago de Cuba e do quartel de Bayamo, como tentativa de derrubar o governo de Fulgêncio Batista.

O plano era de tomar o quartel para a distribuição de armamentos à população para que destruíssem pontes, estradas e ferrovias, além da ocupação do aeroporto e das estações de rádio.

O plano não deu certo, houve um erro de caminho e extravio do efetivo militar. Tiveram 32 baixas e a prisão de Fidel após uma semana.

Sobre a importância desse movimento Blanco & Dória (1983, p. 65), nos alertam que “do ponto de vista político, porém, o ataque a Moncada se revelaria com o tempo um acontecimento decisivo para o ulterior desenvolvimento do movimento revolucionário.”

A prisão de Fidel rendeu aos revolucionários uma peça de oratória chamada de “A História me Absolverá”⁴, onde coloca uma longa crítica ao governo de Batista. Este por sua vez buscando o apoio de setores da oposição (das massas), concede-lhe anistia sem dar-lhe liberdade para utilizar instrumentos radiofônicos. Com isso Fidel Castro parte para o exílio no México.

Juntamente com o seu irmão Raul que lá se encontrava, é apresentado ao médico argentino Ernesto Che Guevara (1955) que acaba por simpatizar-se com as idéias, se junta a eles e iniciam então um projeto de retorno a Cuba.⁵

Por um ano, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e José Echeverria, além de Fidel Castro e seu irmão Raul, realizam o treinamento de um grupo de guerrilheiros (82 homens). Em 26 de Novembro, partindo do porto de Tuxpan seguem rumo a Cuba em um iate (Granma), no desembarque sofrem repressão e buscam refugio em Sierra Maestra.

A guerrilha instala bases sólidas em Sierra Maestra, de onde começaram a sair colunas guerrilheiras, (de Santiago de Cuba rumo à Havana)⁶, no sentido de desestabilizar o governo de Batista.⁷ Já em 1958, as guerrilhas triunfavam em diversos pontos do país, formando territórios livres.⁸ Partindo daí, temos o cerco revolucionário se fechando e isolando as tropas de Batista.

⁴ Nota-se que: “O ataque ao quartel de Moncada aparece como um divisor de águas na obra de Fidel Castro, onde a ruptura com a ordem delinea-se como uma cruzada revolucionária, que possui uma filosofia política sistematizada e a convicção de que não havia mais lugar para o diálogo político – como o Estado corrupto e corruptor toda política estava condenada ao malogro.” Cf. FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 352 p.

⁵ Vale destacar que Che acabara de chegar de uma experiência na Guatemala, em que de médico de assistência indígena, passa a guerrilheiro (1954), assim, inspirado na barbárie imperialista pela defesa da democracia, torna-se médico-voluntário e guerrilheiro da expedição dos combatentes do movimento “26 de Julho”. Ver mais em: SADER, Eder. *Che Guevara: política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p 20-22.

⁶ Perfazendo uma trajetória de 1000 km (APÊNDICE A).

⁷ Lembrando que a eficácia da guerrilha cubana se deveu aos seguintes fatores: de ter havido uma tradição de práticas guerrilheiras anteriores, como no caso da guerra dos dez anos, de ser o elemento norteador da política cubana no momento da revolução, contraindo como foco maior a extinção do neocolonialismo e o grande apoio popular, principalmente do contingente camponês de diversas partes do país e principalmente da região de Sierra Maestra.

⁸ Zonas sob total controle dos revolucionários, onde começa a ser fundamentado um novo tipo de sociedade que propõe serviços educacionais e sanitários.

O exército de Batista contava com aviões, blindados, artilharia e toda sorte de armas modernas. Mas o terreno era mais favorável à tática guerrilheira que às operações militares de grande envergadura.

(BLANCO & DÓRIA, 1983, p. 98).

O apoio aos guerrilheiros cubanos contou com grupos radicais na cidade e com a aproximação de setores da burguesia açucareira descontentes com a ditadura de Batista. Assim uma forte ofensiva foi preparada: dois grupos guerrilheiros, comandados por Che Guevara e Cienfuegos, dirigiram-se à capital. Fidel liderou outro grupo para Santiago. Observemos aqui que a guerrilha torna-se uma espécie de imã onde diversas tendências buscam contato com ela, no entanto segundo Che, os próprios guerrilheiros são os mais engajados nessa luta, veja:

Os guerrilheiros representam então, por sua ação, a tendência mais comprometida com o campesinato e com o combate radical à ditadura. A comparação entre eles – a “Serra” – e a “cidade”, onde estão os políticos que procuram usar a pressão da guerrilha para negociar com os militares e efetuar apenas reformas superficiais no regime, voltará insistentemente – e mesmo de forma bastante simplificada – no pensamento de Che.

(SADER, 2004, p. 22)

O exército em vários locais se recusou a lutar e Fulgêncio Batista, isolado, fugiu para a República Dominicana de seu amigo Leônidas Trujillo, pois os Estados Unidos negaram-lhe asilo.

Dentre as primeiras decisões tomadas pelo novo governo, a Reforma Agrária era a maior delas, sendo aí o principal embate com a potência norte-americana, batendo de frente com os interesses dos grandes latifundiários cubanos. Nesse aspecto temos as palavras de Guevara (1970, p. 101) “a Reforma Agrária dará terras a todos os despossuídos, mas desapropriará os injustos possuidores; e sabem que os maiores injustos possuidores são também homens influentes no Departamento de Estado ou no governo dos Estados Unidos da América.”⁹

Além disso, o governo ainda propunha entre muitas outras mudanças como: uma grande reforma educacional, pois era vista como necessidade para o fornecimento de técnicos especializados para a reconstrução do país e a desapropriação imediata dos controles concessões monopolistas sobre as terras em prol das indústrias de base.

⁹ GUEVARA, E. “Notas para ele estudio de la ideologia de la revo-lución cubana”. In: *Obras*. T. 2, p. 92-101. Apud: SADER, Eder. *Che Guevara: política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 304p.

(...) os monopólios têm o níquel, o cobalto, o ferro, o cromo, o manganês e todas as concessões petrolíferas. No caso do petróleo, por exemplo, havia concessões, entre as outorgadas e as solicitadas, que ultrapassavam três vezes a área nacional.

(GUEVARA, 1970, p.60)¹⁰

Nesse momento, em nosso país, diversos setores e partidos brasileiros (conservadores – UDN e PSD), contrários ao novo governo revolucionário em Cuba, observaram atentamente o sucesso quanto às medidas que se seguiram (reforma agrária, desapropriações relativas à empresas estadunidenses, etc). Segundo o comentário de Pericás (2004, p.35):“Os interesses dos monopólios do ‘Colosso do Norte’ seriam abalados com uma série de leis de desapropriação e nacionalização de terras e empresas.”

Desta forma apresentava-se o objetivo do novo governo, que demonstrava repulsa à rede de privilégios adquiridos pela classe dominante e estrangeiros, deixando assim os conservadores do Brasil em estado de alerta.¹¹

Com a nacionalização de usinas, indústrias e refinarias, temos o surgimento de medidas de boicote econômico por parte de Washington, partindo do abandono do comércio do açúcar até ataques militares contra a ilha.

Fidel Castro abre negociações em visitas e explanações sobre as propostas do novo governo aos mais diversos países, assim como o faz com os EUA. Tenta buscar acordos e tratados sem que obtivesse êxito. Contudo essa posição adotada pela potência imperialista facilitou outros meios habilidosos em ativar uma política anti-imperialista.

A posição egoísta, míope e agressiva dos Estados Unidos facilitou o desenvolvimento de uma estratégia política que proporcionou à revolução cubana o próprio eixo pelo qual a descolonização poderia ser levada até o fundo e até o fim. Toda a controvérsia sobre a “traição” e a “virada comunista” dos guerrilheiros não tinha nenhum sentido.

(FERNANDES, 2007, p.143)

¹⁰ GUEVARA, E. “Soberanía política e independencia económica”. In: *Obras*. T. 2, p. 50-65. Apud: SADER, Eder. *Che Guevara: política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 304p.

¹¹ Dentre os grupos de direita, temos a UDN e a Oposição Militar. Este último compartilhava de um “anticomunismo radical com um alinhamento com os interesses ocidentais, representados pelos Estados Unidos da América.” C.f. NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiros: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998. p. 9.

Nesse contexto o governo cubano inicia uma forte ligação com a URSS, partindo da exportação do açúcar para aquele país.¹² Em um período de Guerra Fria, não podemos desconsiderar que temos a disputa por áreas de influência, tanto pelos países capitalistas liderados pelo imperialismo norte-americano, quanto pelos países liderados pelo imperialismo soviético. Verificamos assim a importância de uma busca contínua pela manutenção do monopólio comercial e político.

Em janeiro de 1961, temos o rompimento total das relações diplomáticas entre os EUA e Cuba. Após três meses, 1.500 homens treinados pela CIA invadiram a Baía dos Porcos, no litoral sul apoiados pela força aérea norte-americana. Essa invasão fracassou e centenas de indivíduos foram presos. Após esse episódio, podemos dizer que o governo de Castro deu uma guinada à esquerda ficando ainda mais fortalecido.

O socialismo pouco a pouco começa a ser implantado na ilha, até que temos a declaração de Fidel nesse mesmo ano de que o país tornara-se socialista.

No ano de 1962¹³, temos uma medida por parte do presidente dos EUA John Kennedy frente a instalação de mísseis nucleares soviéticos em Cuba, que bloqueia a ilha por mar, ameaçando invadi-la. A então denominada Crise dos Mísseis foi resolvida através de um acordo entre as duas potências que visava a retirada dos mísseis em troca do compromisso de não-invasão.

Na década que se seguiu, o país continuou a estabelecer novos tratados e acordos com a URSS, implantando o regime socialista em um processo de integração, mas ainda sem uma planificação definida.

Sob a influência soviética e os impulsos dinâmicos de melhor adaptação ao comércio mundial entre as nações socialistas, surgiram condições mais favoráveis para a exploração e o controle do planejamento centralizado, em conjunção com um uso mais rigoroso da gestão financeira e de projeções de curto e médio prazos, com o apuramento da coleta de dados estatísticos, o emprego de técnicas de computação etc.

(FERNANDES, 2007, p.171)

¹² Safras de açúcar rejeitadas pelos EUA.

¹³ Mesmo ano em que Cuba fora expulsa da OEA, sob a alegação de exportação de ideais socialistas para todo o continente americano.

Após 1970, a economia foi organizada de acordo com os esquemas¹⁴ da União Soviética¹⁵, que possibilitou um bom desenvolvimento econômico do país.¹⁶ Assim, podemos perceber que à qualquer problema que ocorresse com a “nação protetora”, traria sérios problemas internos, devido à grande dependência daquele país, como foi o caso, com o fim da Guerra Fria e a afirmação do mundo capitalista. Segundo Carlos César Almendra (2004, p.136), após a queda do socialismo, “a economia cubana estava à beira de um colapso.”

Cuba tinha recebido de subsídios, US\$ 5,3 bilhões de dólares até 1989. Este dinheiro era distribuído nos setores de saúde, educação, transportes e defesa, dos quais, US\$1,3 bilhão destinavam-se à defesa e ao restante para os demais setores. Em 1992, um ano depois do fim da União Soviética, estes subsídios caíram a zero. (Cuba custava US\$13 milhões por dia aos soviéticos e estes subsídios significavam 30% do PNB cubano).¹⁷

Todas as dificuldades enfrentadas pela nação cubana, no entanto, inclusive às tocantes ao bloqueio econômico realizado pelos EUA¹⁸, fazem com que observemos que as questões relativas aos embates ideológicos entre o capitalismo e o socialismo fiquem evidentes em todo o perpassar da história de Cuba, levando-a praticamente sozinha à uma luta infundável contra as forças do mercado mundial.

A autenticidade das formas cubanas de reestruturação política e econômica da sociedade, imprimem uma série de questões únicas, como a liberdade igualitária, o antiimperialismo, antineocolonialismo e despertam o temor latente da reprodução e aquisição dessas propostas. Assim o anticomunismo cheio de entusiasmo apresenta-se como uma grande força opositora,

¹⁴ Sistema de Autarquia – concentração do socialismo.

¹⁵ A URSS em importar o açúcar de Cuba, tinha como objetivo igualar-se ao nível de consumo dos EUA (40kg), pois consumiam 25kg, necessitando passar a 44kg. Devido a isso, importavam de Cuba. Todo o açúcar cubano era para o consumo interno da URSS, sem reexportação. In: PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o Debate Econômico em Cuba*. São Paulo: Xamã, 2004. p.38-40.

¹⁶ Plano quinquenal – 1976 – 1980 – propõe o crescimento de 6% ao ano da produção agrícola.

¹⁷ Carlos César Almendra. A Situação Econômica Cubana diante da queda do Leste Europeu. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. 229p.

¹⁸ Lei Torricelli (1992) – reforça o embargo econômico vigente desde 1962, proibindo o comércio com Cuba pelas subsidiárias norte-americanas e estabeleceu punições para comerciantes que negociem e para países que os forneçam subsídios. Lei Helms Burton (1996) – Empresas e cidadãos que mantenham negócios com eles, não devem fazer com os EUA. (Ver mais em: Alice Havranek. *Cuba na atualidade: O impasse e o silêncio* COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. p.155.

fazendo com que os ideais opressores de grandes potências imperialistas sejam abraçados e fortalecidos em diversos países da América Latina, como no caso do Brasil.

O PCB E O COMUNISMO NO BRASIL

O Comunismo no Brasil possui uma trajetória um tanto conturbada no que se refere à formação de um grupo coeso e com ideais próprios de uma nação com particularidades específicas. Portanto, escolhemos aqui o Partido Comunista do Brasil (PCB)¹⁹, que de acordo com Prado (1966) é o porta-voz das nossas esquerdas.

O PCB, teve suas bases internas elaboradas por anarco-sindicalistas em 1922, onde devidamente deveriam ser guiados pelo conceito de antiestatismo.

Destruir o Estado, eis a tarefa do Anarco-Sindicalismo, situando-se, assim, com todo movimento anarquista e com seus principais pensadores na questão primordial da revolução social. O Estado significa violência, portanto, em última instância, simboliza a morte, não natural é claro, mas provocada por abjetos interesses particulares.

(FERREIRA, 1993, p.72)

No entanto, em seu primeiro Congresso²⁰, quando a IC²¹ volta-se para as questões existentes na América Latina, todas as atenções são concentradas na aquisição dos 21 pontos de adesão ao partido internacional.

Mesmo carecendo de base interpretativa do conceito de revolução e da dialética marxista, os brasileiros adotam modelos pré-estabelecidos de uma revolução socialista, aceitando todas as condições impostas. Assim nos aponta com muita propriedade Marly de Almeida Gomes Vianna (1992, p. 50) quando diz que “No encontro do PCB com a IC, o que mais marcou os comunistas brasileiros foi a sedução por um modelo explicativo global da sociedade e uma receita estratégica da revolução, oferecida num esquema simplificado e de fácil assimilação.”

¹⁹ Correspondendo a partir de 1961 a Partido Comunista Brasileiro.

²⁰ I Congresso em 25 de Março de 1922, no governo de Arthur Bernardes.

²¹ Komintern.

Havia uma grande “empolgação” pelos comunistas, devido à vitória bolchevique na Rússia de 1917 e isso levou a Revolução às suas mentes, que pretendiam uma ruptura com o Anarquismo e a total agregação à IC.

Antes da Internacional Comunista poder fornecer ao Partido Comunista do Brasil uma ajuda material, proteção e auxílio teórico nos estudos do marxismo, transmitiu-lhe uma revolução emblemática.

(FERREIRA, 1993, p.159)

Lembremos também, que o Partido era considerado pelo governo brasileiro como mais um dentre os partidos comunistas e portanto outra filial da IC (Secessão Brasileira da Internacional Comunista). Já para Moscou, era contado como um risco de segurança: infiltrado, manipulado e dividido em lutas interiores desde o começo.²²

Notamos que uma espécie de fragilidade no Partido Comunista nasce junto com a sua formação e que nada tem a ver com a sua origem anarco-sindicalista, mas sim com a apropriação indevida dos conceitos e das teorias. Além disso temos a má utilização dos agentes revolucionários e a ausência de publicações de peso.

Ao longo de sua trajetória, o PCB tentou conquistar em todos os sentidos a burguesia liberal, levando-a a agente de sua utopia revolucionária. No entanto, essa burguesia não continha ânimo para tais movimentos, pois no final da República Velha, e por todo o perpassar do governo Vargas, obtinha grandes privilégios em seus negócios bem arranjados.

Com a presença de Luiz Carlos Prestes²³, o Partidão (ainda em seu III Congresso), traça seu plano em torno da importância de formar alianças tenentistas²⁴, valorizando ainda mais os interesses pequeno-burgueses.²⁵

(...) O PCB considerou o imperialismo como fator exclusivamente externo, tornando-o cerne da “questão nacional”; e não sabendo como incorporar a ela a

²² A própria verba dos agentes exteriores era muito maior que as dos funcionários do PCB.

²³ Ver APÊNDICE B.

²⁴ (...) os tenentes eram contra qualquer mobilização das massas, opunham-se à revolução, enfim, defendiam uma “ideologia de Estado.” FORJAZ, Maria Cecília S. Tenentismo e Forças Armadas na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Forense, 1988. p.84/85 Apud: FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito da revolução na esquerda brasileira (1920-1946)*. Tese de Doutorado PUC/SP, 1993.

²⁵ Prestes era considerado pequeno burguês e só começa a participar do Partido devido a ordem dada pela 3ª Internacional a 01/08/1934.

luta de classes, que entrava na estratégia revolucionária como fator democrático e socializante, encontrou com os tenentes de esquerda a solução para seus problemas.
 .(VIANNA, 1992, p.306)

Nessa sua constante tentativa, de agregar a burguesia, o Partido esquece-se do proletariado que suficientemente proporcionaria mudanças estruturais e revolucionárias no país, quando bem agregado e instruído.

Em sua composição temos homens sem tradição cultural. Muitas vezes perseguido e operando na clandestinidade e como dito outrora, adotando uma proposta totalmente alheia à realidade do país²⁶, torna-se um partido sem expressão e representatividade política.

Engajado na luta antifascista e a criação da ANL²⁷, o Partido Comunista Brasileiro especifica a sua atuação na massa militar conspiratória com o ANTIMIL²⁸, preparando-se para os levantes ocorridos em Novembro de 1935.

Segundo o sociólogo Pedro Roberto Ferreira, a ANL muito tinha de parecido com as propostas do Partido, onde valorizava os tenentes, a pequena burguesia e o despreendimento da classe proletária, porém não podemos confundir-la como sendo integrante do mesmo.

(...) a ANL não era fachada legal do partido comunista.

O programa da Aliança Nacional Libertadora representando um grupo de tenentes, empresários, segmentos sociais médios e trabalhadores, não tinha um perfil comunista e nem mesmo algo essencialmente próprio do proletariado.

(FERREIRA, 1993, p. 264)

A ANL foi fechada pelos federais, meses antes do levante militar-tenentista que intencionava instaurar um novo governo no país. Dentre os objetivos desses revoltosos, temos as propostas do VI Congresso da IC conjuminado com o III Congresso do PCB, onde a

²⁶ Ao integrar os conceitos da IC, o PCB deveria agregar a proposta do Centralismo Democrático de Lênin, que propunha uma revolução através da centralização e autoridade incontestável pela militância e uma atmosfera democrática onde há a apreciação da realidade do país.

²⁷ Lançada oficialmente a 30 de março de 1935 em um comício realizado no Teatro João Caetano no Rio de Janeiro, tinha como objetivo principal o antiimperialismo da mesma maneira que seria uma organização antilatifundiária e democrática. Formada por tenentes de esquerda, temos como presidente de honra da entidade – Luiz Carlos Prestes. Juntamente com o PCB, temos Prestes atuando paralelamente à direção da ANL, porém com a existência de muitos conflitos organizacionais entre eles. Ver mais em: VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35*. São Paulo: Cia da Letras, 1992. 310 p

²⁸ Organização responsável pela manutenção da ordem nos meios militares.

revolução democrático-burguesa associada a reformas no campo, reestruturação da economia agrária e abolição da dominação imperialista se faziam sentir.

A falta do apoio militar, o rendimento dos destacamentos geraram o fracasso que ocasionou a quebra do movimento democrático, o isolamento comunista e o desenrolar de um momento propício para o desenvolvimento do anticomunismo. Ferreira (1993, p. 278) com muita propriedade nos lembra ao comentar essa situação que “A burguesia progressista, homens da indústria, comerciantes, intelectuais, etc., comprometida com o movimento, não deu um passo para engrossar a revolução.”

A revolução proposta pelo Partido não continha contingente significativo para tal proposta, onde nem a burguesia, tampouco o proletariado participou efetivamente do momento esperado. Assim, temos como consequência a decretação do Estado de Sítio e a prisão dos envolvidos.

Vale lembrar, que mesmo tendo fracassado e os levantes militares²⁹ daquele ano sendo reprimidos, o PCB muito teve a ganhar com a participação dos tenentes e de Luiz Carlos Prestes em sua vida política, pois posteriormente, tornou sólida a sua representatividade como partido político e eleitoral.

Não podemos deixar de mencionar que no período pré e imediatamente pós-35, temos uma grande luta pela defesa da “ordem”, onde muitos grupos como a AIB³⁰ aproveitaram-se da situação do Terror Comunista - para fortalecer suas bases e angariar adeptos, como nos mostra Motta (2002, p. 12), dizendo que “não há exagero em afirmar que ele [o anticomunismo] foi uma de suas principais marcas, a mais importante em determinadas conjunturas.”

Esse anticomunismo tinha um grande respaldo, quando se dá o movimento de Novembro daquele ano, com alicerce ideológico centrado e aguardando o momento exato para sua divulgação.

Desta forma, entre 1930 e 1935 se intensificou no interior de alguns grupos sociais a percepção de que era necessária uma ofensiva anticomunista em defesa da ordem. Quando ocorreu a tentativa revolucionária comandada pelo PCB, a campanha anticomunista desencadeada em reação já encontrou o terreno preparado, principalmente no campo ideológico. Um conjunto de representações anticomunistas já estava fixado, fornecendo uma sólida base de argumentos a serem aproveitados na ofensiva em dezembro de 1935.

²⁹ Quarteladas no Nordeste sendo sufocadas e prazo de três dias.

³⁰ Partido de Orientação Fascista fundado em 1932 por Plínio Salgado. A AIB utilizava-se oportunisticamente do terror instaurado sobre o comunismo.

(MOTTA, 2002, p.13)

De abril de 1945 a maio de 1947³¹, há uma espécie de prosperidade de suas metas, com a aprovação da Lei de Greve e Declaração dos Direitos Cívís. Após esse período, ainda naquele ano, temos a cassação do registro eleitoral do PCB tornando-o ilegal, sendo alegado como motivo o fato de ser uma secessão de um Partido Comunista Internacional e por conseguinte contra o pluripartidarismo. Não podemos deixar de lembrar que, ainda no ano seguinte (1948), temos a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas.³²

Nos primeiros anos da década de 1950, o PCB bateu de frente com os interesses do governo Vargas que utilizava-se de um populismo intenso para aproximar-se das massas operárias.

Após esse contexto, o Partido coloca-se em reorganização interna que faz com que muito de seu processo histórico e seus alicerces sejam repensados. As teorias stalinistas são abandonadas, há uma fortificação da aliança com a burguesia nacional e a integração às forças populares. Dentre as propostas, segundo Gorender (1987. p.34), “A tarefa dos comunistas devia ser a de lutar pelas reformas de estrutura a fim de que o desenvolvimento capitalista viesse a tomar um curso que o aproximaria da revolução nacional e democrática.”

Após 1960³³, e as formulações do Quinto Congresso do Partido, temos as novas diretrizes para o PCB colocadas em prática (no momento em que há a entrada de João Goulart no poder), onde a principal delas era o a união às forças burguesas nacionais.

Por todo o governo Goulart, o PCB confrontou com diversas correntes marxistas e outros grupos de esquerda que puseram a sua ideologia em xeque. Muitas vezes estes grupos ou

³¹ (...) o Partido Comunista venceu a UDN, tornando-se o terceiro partido em termos de voto popular no importante Estado industrial de São Paulo; conseguiu também uma maioria dos membros nas eleições para a Câmara Municipal na própria Capital Federal. Ver mais em: DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*; Tradução: UFMG. Rio de Janeiro:Vozes, 1981.p. 29.

³² Temos aí o período de clandestinidade (tanto para órgãos de repressão policial, quanto para o Partido) de Luiz Carlos Prestes (1948 – 1957). Ver mais em: GORENDER, Jacob. *O Combate nas trevas*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.p. 23 – 36.

³³ (...) até o início da década de sessenta não houve nem um consentimento hegemônico, nem um pluralismo democrático, já que as classes dominantes proscreveram o Partido Comunista, intervieram e expugnaram os sindicatos, deixando ainda mais de 50% do eleitorado privado do direito de sufrágio em decorrência do analfabetismo. Cf.: DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*; Tradução: UFMG. Rio de Janeiro:Vozes, 1981. p. 136.

subgrupos ocasionavam uma certa disputa, pois buscavam atrair os interesses da massa popular para atingir os seus objetivos.

O interesse do PCB em conduzir a burguesia nacional brasileira aos propósitos da esquerda (PCB à reboque no nacionalismo burguês), teve como centro de um de seus maiores erros no momento anterior ao golpe de Estado de 1964. Essa classe já não poderia mais ser comparada com as de outros países como a China por exemplo, pois lá a burguesia era débil com necessidade de uma liderança revolucionária eficaz. Veja:

No momento de 1964, a burguesia brasileira já era classe dominante. Dispunha de grandes recursos econômicos, do aparelho de Estado, de equipes intelectuais orgânicas e de uma rede de instituições para o trabalho ideológico. A pretensão do PCB de hegemônizá-la fundava-se numa ilusão.

(GORENDER, 1987, p.68)

O reboquismo, que aliava a burguesia ao proletariado, não conseguiria comportar interesses antagônicos, propiciando desajustes e fragmentando os objetivos do partido.

Como todas as questões elucidativas de uma não atuação eficaz por parte da esquerda ante o golpe, temos também a proposta anticomunista do período, que garante a tensão frente o perigo vermelho e o estabelecimento da nova ordem militarista. Como nos mostra Rodrigo Patto Sá Motta:

Nos meses que antecederam o golpe de 1964 deu-se o mesmo: jornalistas, religiosos, militares, empresários, entre outros, fizeram insistentes apelos em favor de uma união sagrada contra o comunismo, ainda que sem o uso desta expressão.

(MOTTA 2002, p. 36)

E ainda nos contempla o autor citando em nota (entre diversas outras passagens interessantes), um trecho de discurso proferido em maio de 1963 pelo deputado e empresário das comunicações João Calmon:

Preconizo assim (...) a menos que queiramos sucumbir inglóriamente sem luta, a união das forças que se opõem ao comunismo no Brasil, sob a égide do ideal

*comum de varrer a nossa Pátria o inimigo que mais perigosamente nos ameaça na hora presente.*³⁴

Os valores anticomunistas pouco a pouco ganham novas cores e formas, onde muito de suas propagandas reprimem, escandalizam e induzem os leitores ao pavor pelo comunismo. Nesse sentido, o Partido Comunista encontra-se atacado, onde até mesmo a elaboração de imagens sobre os seus integrantes são divulgadas, incitando o repúdio por suas propostas.

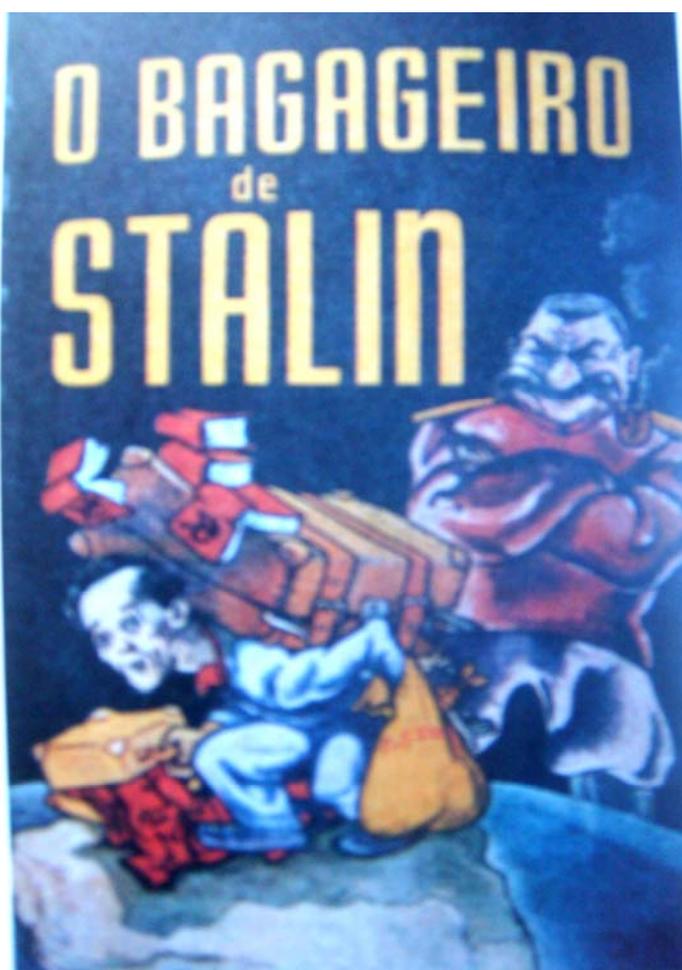


Imagem: O Bagageiro de Stalin
(FONTE: MERGULHÃO, B. *Op. Cit.*)³⁵

³⁴ *Duas invasões*, vol. Invasão Vermelha. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966, p. 60. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o comunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p. 36.

³⁵ Imagem de Luiz Carlos Prestes e Stalin - MERGULHÃO, Benedicto. *O Bagageiro de Stalin*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Moderna, 1946.

Os conflitos internos do próprio partido, suas subdivisões, a competição entre as chefias, a falta de organização, a falta de uma unidade da esquerda, o reboquismo e as ilusões, e a propagação do anticomunismo, proporcionaram uma falta de ação da esquerda que assistiu passivamente a 1º de Abril de 1964 a confirmação do golpe militar no Brasil.

O ANTICOMUNISMO NO BRASIL DE JANGO

Antes de mais nada, devemos nos concentrar na definição da palavra ANTICOMUNISMO, para que possamos compreender de onde vêm e para onde vão os propósitos nela depositados. Segundo Motta (2002), a melhor definição de anticomunismo seria uma rejeição militante ao projeto de implantação do comunismo, que detém a base marxista-leninista que originou o bolchevismo e os moldes soviéticos de governo.

Neste sentido, podemos dizer que essa rejeição aos novos modelos (comunistas), brotaram de uma espécie de insegurança e formaram pouco à pouco organizações ofensivas à esses planos, com a liderança de grupos tradicionalistas e conservadores que defendiam embates. Esse quadro torna-se notório a partir de 1917 com a Revolução Russa³⁶, e ainda mais acentuado no período de Guerra Fria, quando os EUA entram em cena como a maior potência anticomunista do período.

A propagação do anticomunismo deve ser considerada através de uma conjuntura que ditava o ideal internacionalista, compartilhado por Ernesto Guevara, de uma “Revolução Geral”. Esse conceito determinava que a revolução deveria propagar-se para outros países da América Latina, objetivando uma sustentação do sistema socialista.

Partilhando dessa conjuntura, o pensamento das elites brasileiras voltava-se aos moldes estrangeiros de interpretação do comunismo e adoção do anticomunismo, através das leituras que provinham de outros países.³⁷

Os Estados Unidos foram progressivamente ocupando o lugar da Europa como fornecedores de modelos para a elite brasileira, inclusive na esfera do anticomunismo. Não se tratava, é claro, apenas de modismo. Os norte-americanos transformaram seu país na fortaleza do anticomunismo e empenharam recursos imensos e energia considerável na destruição da “ameaça vermelha”.

(MOTTA, 2002, 02)

³⁶ No Brasil, intensifica-se por volta de 1930.

³⁷ Nota-se que muitas das idéias passavam despercebidas, enquanto outras tomadas com fervor. Ainda completamos que propostas próprias e singulares foram formuladas e aplicadas.

Partindo desse princípio, aliado à tradição abafada das tentativas de instalação do socialismo no Brasil (Era Vargas) e o grande desajuste econômico (Juscelino Kubitschek)³⁸, somam-se tópicos favoráveis às articulações ideológicas, políticas e militares que deram o golpe de Estado.

Pontos chave para a disseminação da aversão ao comunismo são especificadas pela posição de Jânio Quadros em sua presidência que não chegou a completar sete meses, mas que fizera diferença para alertar a oposição.

Quadros, ao demonstrar hora interesses por um governo de esquerda, hora por um governo de direita, acaba por despertar a desconfiança dos setores tradicionais do poder, como ocorre com a UDN³⁹, pois vêm em suas atitudes os problemas surgindo.

Segundo os argumentos de Boris Fausto (2006), temos o despertar da ira dos grupos conservadores através das atitudes de Jânio em condecorar Che Guevara com a ordem do Cruzeiro do Sul, mesmo que o presidente deixasse claro não ter interesse em apoiar o comunismo.⁴⁰

Jânio não teve pulso para colocar em ordem todo um ranso econômico que viera permanecera, quando assumira o poder e uma administração que não mais condizia às expectativas do bloco multinacional altamente influente.

Jânio Quadros havia herdado tanto uma economia enfraquecida em parte pelas diretrizes políticas de Juscelino Kubitschek de promover o crescimento “acelerado”, quanto uma burocracia e vícios administrativos populistas que se

³⁸ (...) o capital imperialista predomina nos setores de metais não-ferrosos, mecânica, material elétrico e de comunicação, transporte, borracha, têxteis, fumo, alimentos e outros. Note-se, pois, que o setor imperialista alcança os mais diversos setores de produção na indústria, agricultura e agro-indústria, sem esquecer que ele alcança também o comércio e o capital bancário. Cf. IANNI, Octavio. *A ditadura do grande capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981. Pg.39.

³⁹ C.f. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 2007. p 436. “Na convenção realizada pela UDN em novembro de 1959, o apoio a Jânio acabou por prevalecer, com a derrota da corrente partidária de uma candidatura própria.” Porém, a maioria do partido era contra esse apoio e perdera a chance de uma candidatura própria que chegasse ao poder. Observemos que somado a esse fato, temos o desprezo pelo presidente, durante o seu governo, às propostas realizadas pela liderança udenista no Congresso, gerando ainda mais a insatisfação deste partido.

⁴⁰ Lembramos que no primeiro semestre do ano de 1960, ainda enquanto candidato à sucessão ao governo JK, Jânio Quadros realiza uma visita à Cuba (ver APÊNDICE C) e em vários momentos apresenta sua simpatia à Revolução e aos comandantes Fidel e Che, porém longe de ter encarnado em sua ideologia a proposta comunista de governo.

tornavam cada vez mais inadequados às necessidades do bloco multinacional e do grande capital local.

(DREIFUSS, 1981, p. 128.)



Foto: Manchete de Jornal

(Fonte: Jornal O Estado de São Paulo - Arquivo Pessoal)

Atitudes como a prática de uma política externa independente, a idéia de implantação de uma Reforma Agrária, a ausência de um alicerce político de apoio e o descontentamento de seus eleitores, que aguardavam medidas para acabar com o varguismo e o comunismo do país, fizeram com que Jânio apelasse, sem explicações definidas, a uma renúncia a 25/08/1961. O presidente imaginara (com liberdade perante ao Congresso e aos partidos). alcançar um golpe de Estado, onde a força popular o enalteceria e o levaria novamente ao sucesso de maneira sólida e eficaz.

O governo posterior, ampliou a desconfiança possibilitando a chegada dos militares ao poder, pois houve uma extensa divulgação do anticomunismo pelo complexo conservador⁴¹ na tentativa de contenção de uma proposta definitiva de instalação do socialismo em nosso país.

⁴¹ Consideramos aqui a formação do complexo ESG (Escola Superior de Guerra) IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) / IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), que tem como objetivos fundamentais a manipulação ideológica, conspiratória e militar de direita com a subvenção do capital estrangeiro e apoio financeiro a entidades anticomunistas de menor porte (lideradas por mulheres, estudantes e trabalhadores) além do estoque de armas e munições.

João Belchior Marques Goulart (vice-presidente de Jânio), assume a presidência sob um regime parlamentarista, com seus poderes reduzidos e em clima de ameaças por um golpe militar.⁴²

Jango causava temores ainda maiores que os do presidente anterior. Neste sentido, Boris Fausto (2006, p. 442) nos lembra que os “setores militares que viam nele a encarnação da República sindicalista e a brecha por onde os comunistas chegariam ao poder.”

Dentre os feitos do presidente e do gabinete, vamos ter o restabelecimento das relações diplomáticas com a URSS, o cancelamentos de concessões e desapropriações relativas a empresas norte-americanas (EUA) e o estabelecimento de uma política externa independente. Assim, podemos perceber a ordem simpática ao socialismo em que se inseria o governo, como nos esclarece Luiz Alberto Moniz Bandeira (2001, p.119), quando cita que “o governo Goulart estabeleceu relações comerciais com a República Popular da China e voltou-se para os países da África e da América Latina, ampliando, tanto quanto possível, o intercâmbio com o Bloco Socialista.”⁴³

O anticomunismo encontrado no período Jango manifesta-se em muitos grupos e dos diversos setores encontrados dentro da “burguesia” brasileira⁴⁴. Os movimentos, as propagandas e os ataques partiram como maneira de reação às ações do governo.

O reatamento de relações diplomáticas com a URSS é um dos momentos em que a manifestação contrária ao comunismo fez-se notar, pois além de ser uma proposta contrária aos propósitos elitistas, o anúncio de tal medida apresentara-se na véspera da homenagem aos

⁴² Rumo Nacional Reformista de Governo, apoiado pelas classes trabalhadoras.

⁴³ Vale ressaltar que essa abertura um tanto o quanto ousada nada poderia determinar como uma instalação socialista no país, tampouco uma ruptura com o capitalismo norte-americano e sim uma espécie de ampliação à novos horizontes comerciais.

⁴⁴ Organizações fundadas anterior à entrada de Jango no poder, mas que se fizeram presentes até o golpe de 1964: Cruzada Brasileira Anticomunista, Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, LDN, MMC. Quanto àquelas fundadas após 1960, temos: Liga Feminina Anticomunista, Centro Cívico do Brasil, Movimento Democrático Brasileiro, Mobilização Democrática Mineira, Voluntários da Pátria para a Defesa do Brasil Cristão, Liga Cristã contra o Comunismo, REDESTRAL, MSD, Cruzada Cristã Anticomunista, Centro Brasileiro da Europa Livre, Patrulha da Democracia, GAP, ADP, RM, CAMDE, UCF, MAF, LIMDE, ADFG, CDF.

mortos do levante de Novembro de 1935 realizado pelo PCB frente ao governo de Getúlio Vargas.⁴⁵

Os anticomunistas sentiram-se afrontados, o que facilitou a mobilização. As manifestações de alguns jornais de grande circulação, contrárias ao reatamento bem como o protesto da hierarquia católica, contribuíram para insuflar a reação conservadora.

(MOTTA, 2002, p.235)

A situação complexa é ainda mais acentuada, quando se dá a afirmação de uma recusa à determinação de sanções à Cuba (já socialista), proposta pelos EUA na reunião da OEA, no Uruguai/ Punta del Este em Fevereiro de 1962.⁴⁶

Além da expulsão, proposta pelos EUA, pretendiam estes fazer aprovar sanções contra o governo presidido por Fidel Castro. O Brasil se opôs a qualquer forma de sanção (militar, econômica, rompimento de relações comerciais e diplomáticas) contra Cuba.

(TOLEDO 1982, p.27)

Nesse contexto, é realizado um comício no Rio de Janeiro, onde em torno de 2000 pessoas participaram do protesto que proferia a erradicação do comunismo no Brasil e ofensivas ao governo de Fidel Castro e o modelo político cubano.

Destacaremos agora o ano de 1962 como o “grande acontecimento” para o movimento anticomunista no Brasil, pois partindo para as eleições de Outubro, temos o grande empenho dos conservadores em não deixar com que fossem eleitos parlamentares de esquerda e/ou simpatizantes.

O IBAD utilizou-se de muitos recursos financeiros de proveniência estrangeira para uma intensa colaboração na campanha. Os interesses multinacionais e associados, que levaram à tona a formação desse grupo de ação, tinham por objetivo maior formatar a opinião pública e participar do governo político. Juntamente com o IBAD, temos a formação do IPES a 29 de Novembro de 1961, que agiu em prol de estratégias bem articuladas que culminaram no golpe de 1964.

⁴⁵ No dia da referida homenagem, temos o grupo Liga Feminina Anticomunista realizando uma tentativa de boicote, através de um comício e uma passeata contra o governo (No Congresso Nacional e Itamaray respectivamente).

⁴⁶ Os únicos países que tomaram essa postura foram: Brasil e México.

O IPES não era com certeza, como freqüentemente é descrito, um movimento amador de empresários com inclinações românticas ou um mero disseminador de limitada propaganda anticomunista,; era ao contrário, um grupo de ação sofisticado, bem equipado e preparado, era o núcleo de uma elite orgânica empresarial de grande visão, uma força-tarefa estrategicamente informada, agindo como vanguarda das classes dominantes.

(DREIFUSS 1981, p.185)

Além destes, outros grupos conservadores como o ALEF (Aliança Eleitoral pela Família) integrante da Igreja Católica, colaboraram para tal acontecimento.

Na redoma política, o partido que mais se empenhou dentro dessa proposta foi a UDN, propondo antes de mais nada a eleição de seus próprios candidatos.

A UDN empunha a Bandeira Cívica da luta contra o anticomunismo.

Precisamos empunhar decididamente a bandeira do combate aos extremismos, sobretudo o comunismo internacional que pretende transformar nosso país na próxima vítima da escravização soviética, bem como o caudilhismo nacional que lhe serve inconscientemente de instrumento.

(O ESTADO DE S. PAULO, 24-08-1962, p. 03)

Como resultado desse embate entre a esquerda e a direita, temos um resultado satisfatório para ambos, onde as maiores conquistas esquerdistas ficaram com Leonel Brizola (Guanabara) e Miguel Arraes (Pernambuco).

Em 1963, novas expectativas, pois seria o ano do plebiscito e a decisão de retorno ao presidencialismo seria a melhor opção frente ao fortalecimento do Executivo, mesmo que necessário fosse deixar Jango no poder. Segundo Fausto (2007, p. 455) “cerca de 9,5 milhões de um total de 12,3 milhões de votantes responderam ‘não’ ao parlamentarismo.”

Após o retorno ao presidencialismo a 23 de Janeiro de 1963, o presidente juntamente com o ministro do Planejamento- Celso Furtado e o ministro da Fazenda- San Tiago Dantas, volta-se para a solução da crise econômica-financeira em que se encontrava o país, levando ao agrado dos setores de direita, a criação do Plano Trienal.

Os setores de esquerda, ao analisarem a proposta do Plano⁴⁷, passam a ficar com o pé atrás e desacreditar na capacidade reformista do governo, como nos apresenta Jacob Gorender:

(...) o Plano Trienal visa a combater a inflação sem reduzir o crescimento econômico do país, no que se manifesta, tipicamente, a inspiração da burguesia nacional. Do ponto de vista dos defensores do Plano esta seria uma razão suficiente para que os trabalhadores o apoiassem. A verdade é, porém, que esta não é uma razão suficiente, mas uma razão burguesa e, portanto, inaceitável para os trabalhadores⁴⁸.

Nesse sentido, temos a movimentação do presidente frente à proposta anticomunista e à adesão aos programas de centro-direita, como nos apresenta Gorender (1987 p. 61): “Tanto repelia o extremismo comunista, que o Governo Federal havia tomado medidas contra o anunciado congresso comuno-fidelista de solidariedade a Cuba.”

Vale lembrar que a indefinição do presidente, que vez por outra encontrava-se com os interesses de um e outro grupo, acarretaram o desgaste de seu governo que associado às insustentáveis tentativas de contenção dos problemas políticos e econômicos do país, levaram Jango (mesmo com o apoio do PCB), ao fracasso e à promoção dos setores golpistas ao poder.

O governo norte-americano foi o mecanismo propulsor do sucesso golpista, pois a proposta autônoma e nacionalista de desenvolvimento da economia de João Goulart ocasionou entraves para os interesses dos cartéis estrangeiros. Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira, temos:

O governo norte-americano àquela altura, já estava convencido de que se lhe impunha a tarefa de expelir Goulart do governo brasileiro, como contingência da contra-revolução, para conter o avanço das massas e o transbordamento da democracia formal. Embora Kennedy vacilasse, os interesses da Bond & Share e da ITT⁴⁹, que a perspectiva de negociação neutralizara, moveram seus cordéis, interna

⁴⁷ Entrada de recursos externos para combater a inflação, que seria uma verdade ineficaz para tal situação e faria com que o país mergulhasse ainda mais na dívida externa.

⁴⁸ GORENDER, Jacob. *O Plano Trienal e o Combate à Inflação*. In: TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1982, 123 p.

⁴⁹ Eletric Bond & Share: empresa que controlava a AMFORP (American & Foreign Power Company), organizada em 1923 e atuante no Brasil desde 1927. Grupo desfavorecido, após a Eletrobrás (projeto de criação sob Lei nº3.890-A, de 25 de abril de 1961 – governo Jânio Quadros), instalada em 11 de junho de 1962, na

e externamente, com o intuito de criar condições para o golpe de Estado. A crise brasileira evoluiu, assim, para a solução de força, tanto em consequência da dinâmica interna da luta de classes quanto do confronto cada vez mais aberto com os EUA, cujas posições as medidas nacionalistas do governo, em especial o trabalho para a regulamentação da lei de remessas, ofendiam e abalavam.

(BANDEIRA, 2001, p.122)

Não podemos deixar de considerar, que juntamente a esse contexto, temos uma espécie de rivalidade entre as classes sindicais e as forças armadas. Esses grupos sindicais formavam um grande emaranhado de posições, entrelaçando-se às esquerdas brasileiras

Dentre esses grupos pré-64, devemos considerar os que mais tarde iriam compor a Frente de Mobilização Popular (FMP). Grupos estes que arregimentavam trabalhadores, fossem eles pertencentes à zona rural (Ligas Camponesas, MRT e sindicatos rurais) ou urbana, baixas patentes do exército (soldados e sargentos), ferroviários, marítimos e aviários (PUA) e dos estudantes (UNE)⁵⁰. Tinham ligações até com a AP, de orientação católica, apoio de oficiais militares nacional-reformistas e do ilegal Partido Comunista. No entanto não podemos deixar de mencionar as uniões sindicalistas, dentre as quais a que mais se destacou foi o CGT – Comando Geral dos Trabalhadores.⁵¹

O CGT, mesmo abandonando o seu papel diante das bases sindicais e empenhando-se em lutas de maior teor como por exemplo a das reformas estruturais, possuiu grande representatividade até abril de 1964. Em suas atuações, determinava a convocação de greves políticas para atingir seus objetivos de esquerda.

Dentre as greves realizadas pelo órgão sindicalista evidenciamos uma ligação entre a esquerda brasileira e a Revolução Cubana, pois nesse sentido organizam uma greve em sua defesa, frente ao imperialismo norte-americano. Caio Navarro de Toledo (1982, p. 74) entende que o motivo de uma de suas greves políticas foi a “defesa da Revolução Cubana, ameaçada pelos EUA por ocasião da crise dos mísseis.”

Os grupos de esquerda e as diversas organizações reformistas, possuíam muitos desajustes e conflitos internos, onde seus líderes e os objetivos de cada facção não conseguiam encontrar-se. Ainda que com essas grandes lacunas acabavam por despertar

gestão João Goulart. Verificamos ainda que a participação das concessionárias privadas, com predominância dos investimentos estrangeiros, caiu no período de 1952 e 1962, de 82,40% para 55,20%. Cf.: <http://www.sel.eesc.sc.usp.br/protecao/SiaeEESC/conteudodehistoricobrasil.htm>.

⁵⁰ União Nacional dos Estudantes, criada em 11 de agosto de 1937.

⁵¹ Temos nesse momento partidos como o PTB que compartilham do ideal nacionalista burguês.

insegurança e apreensão entre os grupos da elite, como nos remete Moniz Bandeira (2001, p.123), quando cita que “O CGT, as Ligas Camponesas e outras organizações de massa, por mais débeis que fossem, eram como espectros que lhes tiravam o sono. E, de uma forma ou de outra, Goulart identificava-se com aquele movimento que parte das Forças Armadas queria reprimir.”

O autor ainda nos relata a insatisfação, em maior parte dos fazendeiros, nos contemplando que “As associações rurais, congregando fazendeiros, e outras entidades lançavam manifestos e proclamações contra o perigo comunista, denunciavam planos para a bolchevização do país, etc. (...)”

Podemos dizer que quanto aos reajustes internos e externos no tocante à política e à economia, temos a negativa dos EUA aos projetos de Jango, que conseqüentemente influenciando e incentivando o golpe militar, certificou-se do controle sobre as massas descontentes, utilizando-se do terror comunista que se fazia sentir através dos grupos conservadores e elitistas.

O movimento político-militar de 1964 foi (...) quando setores expressivos da sociedade se deixaram convencer pelas advertências e campanhas anticomunistas (internos e externos), de que o país corria sério risco de “comunização” sob o governo de João Goulart, e que a única saída para evitar este cenário era retirar o Presidente à força do poder.

(MOTTA, 2002, 04)

O governo norte-americano tentava administrar seus domínios de maneira coerente aos seus propósitos. Assim, também, não poderia deixar de confabular sobre os acontecimentos em Cuba, pois após a expulsão dos espanhóis e a instalação definitiva de seus tentáculos sobre a ilha, perdera para uma revolução que poderia teimar em se espalhar.

Os setores direitistas aliados aos interesses norte-americanos apavoraram-se com o que ocorria internamente no Brasil. As greves em intensidade monstruosa⁵², a espiral inflacionária, a degradação dos salários⁵³, impulsionavam os trabalhadores a fortalecerem as organizações sindicais e o procedimento reivindicatório.

⁵² “Em 1963 ocorreram em todo o país 172 greves de trabalhadores.” C.f. TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.90.

⁵³ Em 1963, taxa inflacionária girando em torno de 80%, C.f. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o comunismo no Brasi (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p.254.

O agravamento da crise socioeconômica e a crescente organização dos trabalhadores na forma de movimentos sociais e sindicais eram entendidos pelas elites como sinônimos de fraqueza do governo, incapaz de controlar a instabilidade econômica e os conflitos sociais.

(NAPOLITANO, 1998, p. 8)

Outro fator que atemorizou o âmbito anticomunista foi a revolta dos Sargentos e Cabos da Aeronáutica e Marinha, em Setembro de 1963, ocasionada pela impossibilidade dos setores em se candidatarem a cargos políticos. Gerava-se, entre outros fatores um desconcerto por parte do presidente em tentar manter a ordem entre os grupos rivais, tomando como medida a decretação do Estado de Sítio, um mês após a revolta.

O pedido do Estado de Exceção foi retirado pelo governo haja vista que perderia unanimemente no Congresso. Esse fato juntou as opiniões diversas entre os partidos e os lados contrários, colocando ainda mais em “calças curtas” as decisões de João Goulart.

Os setores nacionalistas e de esquerda viam no Estado de Sítio uma grave ameaça às liberdades democráticas e aos movimentos progressistas. (...).

A direita, por seu lado, via no Estado de Sítio uma tentativa de golpe tramada por Goulart a fim de permanecer no poder, tal como o fizera Getúlio Vargas em 1937.

(TOLEDO, 1982 , p. 67)

Muitos foram os atacantes com seus ataques à Jango e ao seu governo que era visto pelos anticomunistas como um grande avanço para as vias revolucionárias encontrarem seus caminhos e implantarem as teorias marxistas-leninistas no poder. A reação antiGoulart considerada a mais importante pela historiografia, foi um comício realizado em São Paulo, na Praça da Sé, nomeado de “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” que reuniu 500 mil pessoas, oferecendo uma grande oportunidade de propagação anti-esquerda para a mídia.

Meio milhão de paulistanos e de paulistas manifestaram ontem em São Paulo, no nome de Deus e em prol da Liberdade, seu repúdio ao comunismo e à ditadura e seu apego à Lei da Democracia. Neste momento particular da vida do mundo, o histórico ato dos paulistas adquire importância internacional.

(O ESTADO DE S. PAULO, 20-03-1964, p. 01)

O estopim para o Golpe, portanto, fica evidenciado na Assembléia realizada pela Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais, que mantinha objetivos esquerdistas. Houve uma tentativa de impedimento da reunião, porém, após negociações temos a vitória dos marinheiros com o afastamento do Ministro da Marinha e comemorações de sua vitória política no Rio de Janeiro.⁵⁴

Perante a todos esses acontecimentos regados de ameaças de subversão, temos a estruturação anticomunista escancarada propulsora da impossibilidade de erro frente a um golpe militar no governo de Jango.⁵⁵

A utilização do subterfúgio: “a ameaça vermelha sobre o nosso país” caíra como um par de luvas para a manipulação das massas em função de base sólida de apoio para uma reformulação política que atenderia aos interesses imperialistas norte-americanos e conseqüentemente à elite conservadora e a parlamentar dos diversos Estados brasileiros.

⁵⁴ Dentro do mundo anticomunista, o levante dos marinheiros foi comparado à revolta deo Encouraçado Potemkin – símbolo da vitória bolchevique na Rússia.

⁵⁵ No momento brasileiro referido, vamos ter em Cuba sucessivas modificações que aterrorizavam os conservadores direitistas brasileiros e que proporcionaram ainda mais a proliferação de grupos anti-vermelhos. Além da reforma agrária, das desapropriações e a prática de uma política externa independente, temos a implantação de um sistema de incentivos que levou até mesmo à entrega de bens de consumo e viagens aos populares, observe: “Os incentivos propostos por Fidel na ocasião foram distribuídas 1500 geladeiras, mil motocicletas, 500 viagens a países socialistas e 2 mil viagens à praia de Varadero.” Cf. PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o Debate Econômico em Cuba*. São Paulo: Xamã, 2004. p. 175.

4.1 INFLUÊNCIA

Durante a presidência de João Goulart no Brasil, como percebemos, o incentivo ao anticomunismo reteve muito do que ocorreu em Cuba, que desde o primeiro momento da revolução obteve o rótulo de nação às vésperas do comunismo ou revolução comunista.

Sobre o processo revolucionário, temos um empreendimento do movimento 26 de Julho, que retirara o ditador Fulgêncio Batista e que em seus objetivos gerais ambicionava a luta contra o imperialismo e a busca pela democracia.



Foto: Manchete de Jornal

(Fonte: Jornal O Estado de São Paulo - Arquivo Pessoal)

Os participantes do processo, propuseram logo de início reformas de base, sem o auxílio de modelos e teorias pré-estabelecidas, porém com uma intenção definida: a não subordinação ao capital estrangeiro. Eduardo Mizukami e Marcelo Buzetto definem a questão da seguinte maneira:

As lei de reforma agrária, as expropriações, as nacionalizações de empresas norte-americanas, a lei de redução dos aluguéis em 50%, a estabilidade no emprego para os assalariados agrícolas, a campanha de alfabetização, a redução dos preços dos livros escolares em 25%, das tarifas de eletricidade em 30%, a redução dos preços dos remédios, o estímulo ao desenvolvimento do poder popular e da autogestão dos trabalhadores foram medidas que demonstravam o caminho a ser seguido pela revolução, o caminho do antiimperialismo e da luta anticapitalista.⁵⁶

Avaliando as reformulações, percebemos a base da economia sendo tocada e devemos considerar que este caminho levaria à embates políticos e econômicos com os latifundiários cubanos e com os empresários dos EUA.

Nessa conjuntura, vemos a alavanca para a tentativa de novas frentes de relações e incentivos e não uma sólida estrutura comunista como propunham os grupos burgueses. Eduardo Mizukami e Marcelo Buzetto (1998, p.81) assinalam que “é largamente sabido que, ao contrário das Revoluções Russa e Chinesa, a Revolução Cubana não foi construída sob a base de uma teoria revolucionária marxista.”

O embargo comercial à Cuba, pelos EUA levaria definitivamente, a 19/10/1960, a revolução a ser sustentada pelos subsídios fornecidos pela URSS e demais países socialistas. Contudo, o estopim para o rompimento de relações diplomáticas entre Cuba e EUA foi a invasão da Baía dos Porcos a 03/01/1961, mesmo ano em que Fidel Castro declara socialismo na ilha.

Somente depois da tomada de poder é que por inconciliáveis pressões endógenas (burguesia nativa) e exógenas (burguesia estadunidense), o nacionalismo dos insurretos foi tomando um matiz autenticamente socialista..⁵⁷

Verificamos, assim como é trilhada a afirmação do socialismo na ilha, abaixo de pressões internas e externas que acabam por condicionar pouco à pouco a economia e a política do país.

A própria estrutura partidária, torna-se um exemplo claro das modificações ocorridas somente com o decorrer dos anos. Observemos que a chegada no poder pelos revolucionários

⁵⁶ MIZUKAMI, Eduardo S. & BUZETTO, Marcelo. *Revolução Inacabada*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. 229p.

⁵⁷ Ibid.

ocorre em janeiro de 1959 e as formulações conceituais dos partidos são geradas entre os anos de 1963 e 1965.⁵⁸

Sobre as bases e a complexidade almejada pelo partido, temos as observações de Ana Maria dos Santos, esclarecendo que:

A estrutura do partido se pautava pelo centralismo democrático e enfatizava a moralidade comunista, a criação de um novo homem, caracterizado pelo coletivismo, sacrifício pessoal, amor ao trabalho e ódio ao parasitismo e à exploração. A nova Constituição, embora optasse pelo presidencialismo, seguia os modelos do Leste europeu. Foram estabelecidas Assembléias do Poder Popular (municipais, provinciais e nacionais), com representantes eleitos para apresentar e defender os desejos e opiniões dos seus constituintes.

(SANTOS, 2002, p79)

A exploração de muitos por poucos e a abolição da propriedade privada são alguns dos conceitos tipicamente marxistas nos quais submergem os objetivos da revolução. Contudo, não nos esqueçamos que a simpatia e a aquisição desses moldes nada têm de genuíno enquanto a gestação da guerrilha e da luta cubana contra o imperialismo.

As relações entre Cuba, Brasil e o restante dos países da América Latina, no período de 1959 a 1964, têm a forte presença da influência revolucionária mesmo que em um sentido utópico ou distante.

Mesmo após a adoção do socialismo pela ilha, temos intenções ainda pretenciosas em seus objetivos guerrilheiros. Contudo, ao ser uma revolução puramente cubana, singular, cheia de dificuldades internas e não fundamentalmente marxista, ao atingir a mentalidade dos intelectuais de esquerda (ansiosos por apoio), desvincula-se da propensão de proliferação no Brasil, como nos diz Tad Szulc: *Não foi a influência direta de agentes, dinheiro ou armas de Cuba que levou Goulart e seus companheiros à beira de um Estado quase revolucionário no Brasil.*⁵⁹,

Os fatores que levaram a esse caminho de “quase revolução”, quando nos referimos à proposta golpista e não às intenções do governo de Jango, não podem ser interpretados como uma negativa aos interesses cubanos, socialistas ou o abandono dos mesmos, mas sim como uma convergência principalmente aos desajustes internos da esquerda brasileira, o ambiente

⁵⁸ 1963- Partido Unido da Revolução Socialista, substituído em 1965- Partido Comunista Cubano.

⁵⁹ Tad Szulc, representante internacional do jornal The New York Times, apud: BANDEIRA, Luiz A. Moniz. *O governo João Goulart – As Lutas Sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 320p.

militar⁶⁰ altamente fortalecido por ocasiões de governos anteriores e o grande apoio dos EUA, que almejava administrar “somente” seus interesses econômicos em nosso país, em Cuba e em um âmbito geral a disputa pelo mundo capitalista ante o socialismo soviético.

Devemos considerar que a interferência psicológica e intelectual de Che Guevara e Fidel Castro fora maciça, porém modificada pelos brasileiros por tratar de contextos diferenciados, não compondo assim, uma proposta drástica de instalação comunista. Mesmo porque seria necessário um apoio tático de teor, com o fornecimento de homens e material bélico para a realização de levantes organizados e fundamentados.

Cuba como país dependente da economia de outrem e passando por um arranjo interno contínuo devido a inúmeros setores a serem estruturados, não possuía grande capacidade arregimentadora, até mesmo porque seus próprios líderes tinham objetivos diversos.

Enquanto Fidel estava disposto a se acomodar com Washington abandonando a revolução latino-americana, Che continuava convencido de que, a longo prazo, a independência de Cuba dependia não dos subsídios soviéticos, mas do êxito da revolução latino-americana.⁶¹

A proposta radical da proliferação de uma quebra imperialista por meio de uma revolução é altamente veiculada pelos documentos jornalísticos elitistas, em suas matérias, almejando cada vez mais o distanciamento das massas populares de tais objetivos. Observe as imagens:

⁶⁰ Organizações de guerrilha militar, desde 1961.

⁶¹ Maria Rita Guercio e Dousney de Cavalho. *Cuba e Estados Unidos: Uma História de Hostilidades*. COGGIOLA, Osvaldo (org.). Revolução Cubana: história e problemas atuais. São Paulo: Xamã, 1998. 229p.



Fidel Envia Comunismo a Conta-gotas
(Fonte: Correio da Manhã – 31-01-1963)



Fidel sugere Revolução para o Brasill
(Fonte: O Globo – 8-5-1962)

Na primeira imagem temos Castro com traje característico, charuto e boina (para que não haja dúvidas sobre a sua representação), segurando um vidro escuro que tem como símbolo a foice e o martelo, determinando que lentamente está divulgando o ideal comunista (como se fosse um veneno) através do rio que corre até o Brasil.

Quanto à segunda imagem, temos Fidel como um tirano, apresentado com uma figura enorme e que aos quatro ventos divulga a necessidade de se ter uma revolução como a sua em Cuba. As personagens secundárias são raquíticas e amedrontadas simbolizando uma inexistente diferença entre os países pertencentes à latino-américa, através da utilização de chapéus mexicanos.

Através desses argumentos, podemos perceber que a propaganda anticomunista era crucial para atender aos mais diversos interesses das classes dominantes. A sua veiculação fora tão quanto maior que a sua própria ameaça, pois os maiores pregadores do contra-golpe não possuíam estruturas suficientes para tomar o poder, nem mesmo sob grande influência da revolução cubana (fosse ela intelectual ou material).

O ANTICOMUNISMO E O JORNAL

Muito já foi escrito sobre o golpe militar de 1964 no Brasil e também sobre as questões econômicas e de guerrilhas que entrelaçam-no com o processo revolucionário cubano ocorrido em 1959. Como exemplo do que estamos tratando, temos a instituição do imaginário foquista que chega a tornar-se tema de debates desenvolvidos por esquerdistas brasileiros.

Sobre esse assunto não podemos deixar de mencionar as observações de GORENDER (1987:81), que nos coloca que o foquismo representa um “mito de que a Revolução Cubana chegou à vitória pelo poder mágico de doze ou desesete sobreviventes da expedição do Granma (...).”

Para Gorender esse contexto interfere diretamente nas produções e convicções de grupos de esquerda no Brasil, com exceção do PCB e dos trotskistas ortodoxos. Observe:

Afora o PCB, por seu apego ao caminho pacífico e por ter se convertido em apêndice da oposição burguesa, foram os trotskistas ortodoxos o único segmento da esquerda brasileira que se imunizou inteiramente contra a febre militarista dos anos 60.

(GORENDER, 1987, p.83)

Após uma análise historiográfica, podemos perceber aí o desenvolvimento e o fortalecimento ainda maior dos grupos revolucionários de esquerda e suas propostas reformistas. Nesse sentido, grupos de esquerda reboquistas e de conservadores interessam-se em desempenhar todo um planejamento anticomunista, através da mídia em seus diversos aspectos.

Em extrema conformidade com a mídia, em seus diversos setores, temos os grupos de ação IPES/IBAD, que como já vimos anteriormente, possuíam grande interesse em estabelecer uma neutralidade das disposições populares. Estabelecem então, fortes relações

com o grupo de Júlio de Mesquita (diretor do Jornal O Estado de São Paulo e da Rádio Eldorado, também de São Paulo).⁶²

A prestigiada coluna política “Seção Livre”, assinada por Pedro Dantas (pseudônimo usado por Prudente de Moraes Neto), proporcionava uma análise na conjuntura política e procurava moldar a opinião pública. Essa coluna saía publicada na seção de anúncios de O Estado de São Paulo e operava dentro da corrente ideológica do IPES.

(DREIFUSS, 1981, p. 233)

Temos um papel de destaque para Julio de Mesquita inserido dentre os indivíduos participantes do grupo de extremistas de direita, que de acordo com Dreifuss (1985), era um grupo marginal, com posições fanáticas, anticomunistas e antipopulistas, a favor da modernização industrial conservadora e não queriam mais Goulart no poder.

(...) Júlio de Mesquita Filho ficaria encarregado do grupo que tomaria conta de assuntos políticos e orientações ideológicas. Como chefe de um importante complexo de imprensa e com o apoio logístico do Grupo de Opinião Pública do IPES, Júlio de Mesquita Filho deveria manter apoio para os ativistas do golpe através da mídia.

Assim o diretor do jornal, participa ativamente dos procedimentos civis e militares, como nos remete Bandeira (2001), com a sua atuação na distribuição de petrechos bélicos aos fazendeiros de diversas localidades brasileiras no momento imediatamente anterior ao golpe.

Em fontes arquivadas do jornal: O Estado de São Paulo, encontramos particularidades que exemplificam toda a propaganda anticomunista. Lembremos que esse tipo de propaganda vai sendo gerada e espalhada pelo Brasil, desde os idos de 1927, quando temos amostras do surto anticomunista.⁶³ Em nosso caso, temos um estudo especial do período de 1959 e 1960, por abranger desde o momento da conquista de Cuba pelos revolucionários, passando pelas questões de embate daquele país com os EUA e a chegada dos militares ao poder no Brasil em 1964.

⁶² Nota-se que o complexo IPES/IBAD fortifica suas atuações entre os anos de 1962 e 1964.

⁶³ (...) não recusaremos a nossa solidariedade aos que lutam contra o comunismo. Tê-la-á o governo do Brasil quando o comunismo constituir na verdade, um perigo para o Estado. O ESTADO DE SÃO PAULO, 15-07-1927 Apud Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Prado. *O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal, O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. 105

Mantiveram os EUA contactos com os representantes de Castro

O governo dos Estados Unidos reconhece habitualmente novos governos assaz depressa, e consta que a principal reserva em relação ao regime de Castro é o receio manifestado em certos círculos norte-americanos de que esse líder tenha ligações com os comunistas. Mas hoje a tendência no Departamento do Estado parece ser a de não dar muita importância à acusação de que os rebeldes cubanos tenham simpatias comunistas.

(O ESTADO DE S. PAULO, 03-01-1959, p. 02)

Em 1959, dentre as principais atitudes do novo grupo que chega ao governo em Cuba, que abrem partida para a montagem das matérias do jornal, carregadas de sentimento anticomunista, temos os julgamentos populares, o fechamento dos cassinos⁶⁴ e os embates com os EUA⁶⁵, no que diz respeito às leis de Reforma Agrária, desapropriações, instalação do comunismo em Cuba e a propagação para o restante da América Latina.

As evidências da proposta anticomunista se fazem sentir, primeiramente e de maneira clara e objetiva, através das fortes chamadas sobre os fuzilamentos, processos, condenações e penas de trabalhos forçados, atribuídos pelo exército de Fidel Castro na fortaleza de La Cabana.⁶⁶

Mais 11 pessoas foram ontem condenadas à morte em Cuba.

HAVANA, 3 (UPI), mais onze pessoas foram condenadas a morte no julgamento de “criminosos de guerra” em quatro cidades do país e um ex-capitão da polícia foi fuzilado na cidade de Colon (...).

Condenada a Primeira Mulher.

HAVANA, 3 (AP) – O tribunal revolucionário condenou hoje a primeira mulher por colaboração com a ditadura de Batista, desde que os revolucionários assumiram o poder (...).

(O ESTADO DE S. PAULO, 04-02-1959, p. 02)

⁶⁴ Sem que o jornal mencione os aspectos positivos, como o fim da prostituição e o tráfico de drogas.

⁶⁵ Afirmções do governo cubano de busca pela independência econômica, nacionalização de empresas norte-americanas e a manutenção de relações cordiais com os Estados Unidos da América.

⁶⁶ “A violência foi (...) tema com presença forte no conjunto das representações atinentes ao ‘inferno vermelho’. Os governos comunistas teriam como característica intrínseca o exercício da violência, praticada com ‘prazer satânico de acordo com alguns propagandistas.” MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o comunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p.74.

Podemos encontrar nesses documentos uma grande ênfase sobre os fuzilamentos ocorridos em Cuba, no regime pós Fulgêncio Batista. Esse processo foi altamente evidenciado em diversos setores da mídia, pois como nos lembra Motta (2002, p. 244) “Cuba adquiriu especial relevo no contexto, atacada violentamente devido à política de descristianização e à prática de fuzilar os opositores (*o paredón*)”. Por vezes, os títulos dos textos disponibilizam a quantidade de vítimas sendo que ao longo do mesmo, seus autores discriminam características políticas da sociedade, mas sempre regressando ao papel negativo que o início lhes impõe.⁶⁷

Cuba: 9 fuzilamentos e 18 condenações à morte

Condenações à morte

Pode-se dizer que o ritmo dos processos foi acelerado, embora seja muito de notar que o interesse público pelos processos, com exceção das pessoas diretamente afetadas, decaiu consideravelmente. Dá-se agora maior atenção às notícias sobre as greves e os progressos da safra do açúcar.

Nas últimas vinte e quatro horas foram condenados à morte 18 ex-militares e civis acusados de assassinios cometidos durante o regime de Batista (...)

(O ESTADO DE S. PAULO, 12-02-1959, p. 05)

No caso acima, ainda podemos inferir uma espécie de descaso e frieza da população cubana para com o desenrolar dos processos de acusação. Além desses “problemas”, o jornal também denuncia uma espécie de descontentamento dessa mesma massa, com o governo cubano recém montado, quando sublinha as ameaças de greve por diversos profissionais do país em prol da reabertura de cassinos lacrados.

Nova ameaça de greve

HAVANA, 12 (AFP) – Novas dificuldades surgiram ontem para o governo revolucionário cubano com a ameaça dos membros dos sindicatos dos empregados em hotéis e restaurantes, e dos músicos e artistas, de entrar em greve hoje, se os cassinos de luxo, que foram fechados após a queda do regime de Batista, não forem reabertos.

O ministro do trabalho Manuel Fernandes tentou impedir o movimento grevista, mas os sindicalistas anunciaram que fechariam todos os restaurantes e clubes noturnos a menos que os dez mil cubanos que, dizem eles, trabalham, direta ou indiretamente, para os cassinos de luxo, encontrem novamente um ganha pão.

⁶⁷ Outros exemplos: “Cidadão inglês condenado à morte” (O ESTADO DE S. PAULO, 25-06-1959, p.9); “Cuba: pena de morte para crimes contra a economia” (O ESTADO DE S. PAULO, 04-07-1959, p.1)

O governo Urrutia- Castro considera que tomou uma posição de caráter moral, logo que chegou ao poder, proibindo as casas de jogo. Mais tarde, Castro reconheceu que, embora sendo pessoalmente contrário ao jogo, era forçado a admitir que dez mil cubanos dependiam desses cassinos para sua subsistência, mas pediu que a greve só fosse realizada em caso de extrema necessidade.

(O ESTADO DE S. PAULO, 13-02-1959, p. 02)

A adaptação e implantação das novas normas em Cuba, passam a ser muito bem manipuladas pelo jornal O Estado de São Paulo, almejando uma apresentação de desordem, desapego e despreparo do grupo guerrilheiro na formação de um novo governo. Nesse sentido, as matérias elaboradas, conduzem o leitor sutilmente à uma visão de caos que porventura esteja se instalando na ilha.

As matérias apresentadas, também indicam diversas acusações norte-americanas, de os líderes cubanos compactuarem com propostas comunistas. A causa disso, dentre outros fatores, pode ser atribuída à proposta de nacionalização das empresas. Partindo daí, temos qualquer movimento contrário à gerência⁶⁸ dos EUA sobre o país, visto como uma atividade de esquerda.

Estrangeiro Indesejável

WASHINGTON, 9 (UPI)- O representante democrático James Davis chamou ontem o primeiro ministro cubano Fidel Castro de “ditador filocomunista”, afirmando ainda que ele poderia ter sua entrada impedida nos Estados Unidos por ser “um estrangeiro indesejável(...)”

(O ESTADO DE S. PAULO, 10-03-1959, p. 14)

As críticas e os ataques eloqüentes são apresentados em grande quantidade, observe:

Editorial “N.Y. Times”

(...) “O dr Castro continua pensando que os norte-americanos estão contra a revolução social em Cuba, e interpreta a crítica de alguns de seus atos como base em tal sentimento. Porém, engana-se.”

(...) “Contudo, não é justo que o primeiro ministro Castro procure tornar responsável por suas dificuldades o povo norte-americano, ou distrair a opinião pública quanto a essas dificuldades, fazendo dos Estados Unidos sua vítima.”

(O ESTADO DE S. PAULO, 25-03-1959, p. 08)

⁶⁸ Desde a criação da Emenda Platt.

Podemos dizer que a conotação das reportagens apresentadas pelo jornal o Estado de São Paulo incentivam, mesmo que veladamente (em algumas situações), uma posição de ameaça advinda com a nova liderança de Cuba, pois pouco a pouco demonstra as opiniões nervosas das elites norte-americanas diante das proporções que a revolução toma.

Em outros casos, as reportagens nos remetem abruptamente à pregação anticomunista, quando determinam tramas e conspirações por parte daqueles, que imediatamente estão “contaminando” a região a sua volta:

Trama-se em Cuba a invasão do Panamá

Desde que Fidel Castro assumiu o poder em Cuba, a tempestade ruge nas Antilhas. É preciso tomar precauções agora, antes que uma série de revoluções destrua a paz.

(O ESTADO DE SÃO PAULO – 16-04-1959, p.9)

Para essas elites, há na figura do líder, incorporada por Fidel Castro, um grande perigo. Têm Fidel como um “inflamador” de imaginações dos habitantes caribenhos, quando propõe seus ideais de libertação do colonialismo. Assim, pelo seu poder de convencimento acaba por se tornar um grande problema:

O êxito de Castro tem maior alcance do que a revolução

NOVA ORLEANS, 6 (AFP) por Presidente Kennedy em discurso

(...) “A personalidade de Fidel Castro e os conceitos políticos que motivaram suas ações inflamaram a imaginação dos habitantes de todas as ilhas e nações do Caribe, em grau muito mais alto do que se pode imaginar.”

Opinião sobre Castro

NOVA YORK, 6 (UPI) – O primeiro ministro de Cuba, Fidel Castro, deu impressão de não ser comunista, embora sim “algo ingênuo quanto ao perigo da infiltração comunista”, disse hoje Willian Chamberlain, um dos cronistas do “Wall Street Journal”.

(O ESTADO DE S. PAULO, 07-05-1959, p. 02)

As opiniões e colocações acerca da figura de Castro são divulgadas praticamente em todas as tiragens do jornal no ano de 1959. O temor de um comunismo nascente entre as ilhas do Caribe passa a ser enorme, evidenciando a cada dia novos comentários sobre o inesperado.

Quanto às medidas econômicas pelo governo cubano que mais se destacaram, como já citamos anteriormente, temos as reestruturação territorial. Esta é vista com veemência e citada

em vários momentos dos jornal. É colocado que as leis de Reforma Agrária no país recuariam por insatisfação da população, nesse sentido há a aplicação nas páginas do Estadão, de passagens desse descontentamento..⁶⁹

Cuba: agricultores ameaçam realizar marcha da fome.

PINAR DEL RIO – Cuba, 27 (UPI) – Duzentos agricultores reunidos em Assembléia, ameaçaram realizar uma marcha da fome com suas famílias, rumo a Havana, se o primeiro-ministro, não modificar a lei de reforma agrária pela qual seriam expropriadas suas terras, dedicadas ao cultivo de tabaco.

(O ESTADO DE S. PAULO, 29-05-1959, p. 02)

Chamamos atenção para explicitar que fora largamente sabido que a população cubana, de acordo com todo o movimento revolucionário, tinha como maior de seus objetivos a redistribuição de terras para plantio e acomodação de suas famílias.

No segundo semestre de 1959, os ataques anti-reforma continuam, fortalecidos pela afirmação de presença comunista, até então inexistente no país, observe:

A crise cubana só beneficia os partidários do comunismo.

WASHINGTON – 22, (AP) – Em sua edição de hoje, declara o semanário “U.S. News & World Report”: Tanto o primeiro-ministro Fidel Castro, quanto Cuba, da qual se proclama libertador, mergulham cada vez mais numa crise profunda e grave, da qual os únicos beneficiários são os comunistas.

(O ESTADO DE S. PAULO, 23-06-1959, p.1)

O artigo, que foi redigido em Havana, informa que uma “paralisia progressiva” se alastra por toda a ilha, onde o clima reinante é de “tensão, ansiedade e cólera”. A reportagem prossegue, enfatizando que a culpa por tais atrocidades, entre outros fatores, é da reforma agrária.

A ausência da democracia aos moldes norte-americanos é bem representada pelo jornal, que com isso aprofunda a idéia de anticomunismo de seus propagadores. Motta (2002, p. 38) elucida essa questão da seguinte maneira: “No discurso anticomunista é freqüente a associação (a confusão) entre os dois elementos⁷⁰, apresentando-se os Estados comunistas como antítese

⁶⁹ “Cuba: aprofunda-se a oposição ao projeto de Reforma Agrária.” (O ESTADO DE S. PAULO, 02-06-1959, p. 02).

⁷⁰ Proposta liberal e o conceito de democracia.

da liberdade e da democracia.”⁷¹ Contudo, não podemos deixar de levar em consideração que no período que estamos tratando, ainda não temos um Estado cubano comunista formado.

Washington Post: Desalento.

WASHINGTON, 23 (UPI) – O diário “Washington Post na Herald” manifesta hoje profundo desalento “por ter Fidel Castro deixado passar a oportunidade de promover verdadeira democracia em Cuba”.

Afirma que a nomeação do irmão do primeiro-ministro cubano Raul Castro, como ministro da Defesa, é somente “parte de um panorama que é lamentável e desalentador.”

(O ESTADO DE S. PAULO, 24-10-1959, p.1)

Assim, nos últimos meses daquele ano, Washington com base nessas idéias, proporciona uma efetiva propaganda de caráter antiamericano que Cuba supostamente estaria fazendo para a sua população.⁷²

Não sei o que há com Fidel Castro.

Trata-se de um país, que com base na História, poderia ser considerado como um amigo sincero” – afirmou. À luz de nossa intervenção em 1898, quando ajudamos esse país a obter a independência, à luz dos esforços que desenvolvemos para garantir que essa independência repousasse sobre uma base sólida, em vista de nossas concessões comerciais e das relações bem estreitas que temos mantido com esse país na maior parte desse tempo causa espécie o fato de o governo cubano estar tão descontente. Afinal de contas aqui em nosso país, e, francamente, não sei o que está acontecendo.

(O ESTADO DE S. PAULO, 29-10-1959, p.2)⁷³

Em reportagem à imprensa, podemos ver claramente esse objetivo nas palavras de Eisenhower, tentando conquistar a opinião pública fazendo-se e mostrando o seu país como “atacado e coitado”, que colaborou para a independência efetiva dos cubanos diante da Espanha e colobora comercializando sistematicamente os seus produtos.

⁷¹ Recusa ao comunismo, por parte dos liberais, devido a estatização da propriedade privada, que é o centro do liberalismo econômico.

⁷² Nota-se que a propaganda antiamericana induzida pelo governo de Washington é transmitida ainda em muitas das tiragens do jornal, nos meses iniciais de 1960.

⁷³ Ver mais chamadas do Jornal – ano de 1959 no APÊNDICE D.

Toda a colocação do presidente norte-americano é endossado pelo jornal O Estado de São Paulo que partilha do ideal e afirma sua posição ao publicar o texto do correspondente em Cuba José Quiroga:

A Cuba de Fidel Castro: radiografia da revolução.

A inquietante evolução política do governo revolucionário cubano vem-se constituindo na principal preocupação dos agentes e, em geral, da opinião pública nas Américas. A atitude agressiva dos governantes de Havana em relação aos Estados Unidos é considerada por muitos como o início iniludível de que a gloriosa revolução de Sierra Maestra vai-se transformando rapidamente numa cabeça-de-ponte comunista neste hemisfério.

(...) Eis aqui o herói de Sierra Maestra, quebrando lanças com o único país que pode ajudá-lo⁷⁴ a sair de uma tremenda situação econômica, com perspectivas mais sombrias ainda para 1960.

(...) Fidel Castro é uma figura singular da História de sua pátria, moderno profeta colocado no ápice de uma pirâmide, cujas bases estão ocupadas por dois heréges: Raul Castro e Ernesto “Che” Guevara.

(O ESTADO DE S. PAULO, 04-02-1960, p.12).

Temos, assim, a grande preocupação com a proliferação do comunismo pelas Américas, a notável posição de antiamericanismo que Cuba “desenvolvia”, sendo que os EUA tornara-se o “único salvador da pátria” em termos econômicos, sendo desprezado pelas autoridades daquele país. Temos também uma alusão ao líder cubano, como o responsável por todo o contexto, amparado pelos outros dois líderes (ministro das forças armadas e ministro da economia), colocados como heréges e alicerces do governo.

Nestas últimas colocações, obtemos dois pontos de grande relevância para a compreensão da propagação anticomunismo: A heresia e os ataques ao ministro da economia Ernesto Guervera.

Quanto à questão da heresia, temos uma grande dificuldade, por parte da igreja, em aceitar uma nação que não tenha uma religião pré-determinada e sim uma ampla liberdade de culto. De acordo com Motta (2002, p.74) “O governo de Fidel Castro foi acusado de perseguir a igreja católica cubana, prendendo padres e fechando templos.”⁷⁵

⁷⁴ Refere-se aos EUA.

⁷⁵ “Em agosto e 1963, *O Globo* publicou uma série de reportagens, com chamadas e fotografias na primeira página, mostrando o que chamamos de profanação religiosa. Os comunistas cubanos estariam fechando templos e capelas, dando-lhes destinação profana. (...) O profanador [Fidel], não se contentava em destruir a Igreja, queria

De imediato, em 1960, temos os primeiros indícios por parte dos católicos em divulgar o seu descontentamento, observe: O Estado de S. Paulo (1960, p.2), “Preocupada a Igreja Católica: (...) os bispos católicos de Cuba teriam redigido uma carta pastoral para expressar sua preocupação pelos avanços comunistas no país.” Nesse sentido, a situação de entrave religioso, causado pela Igreja Católica em Cuba, atravessa os anos, servindo de inspiração anticomunista para muitos.

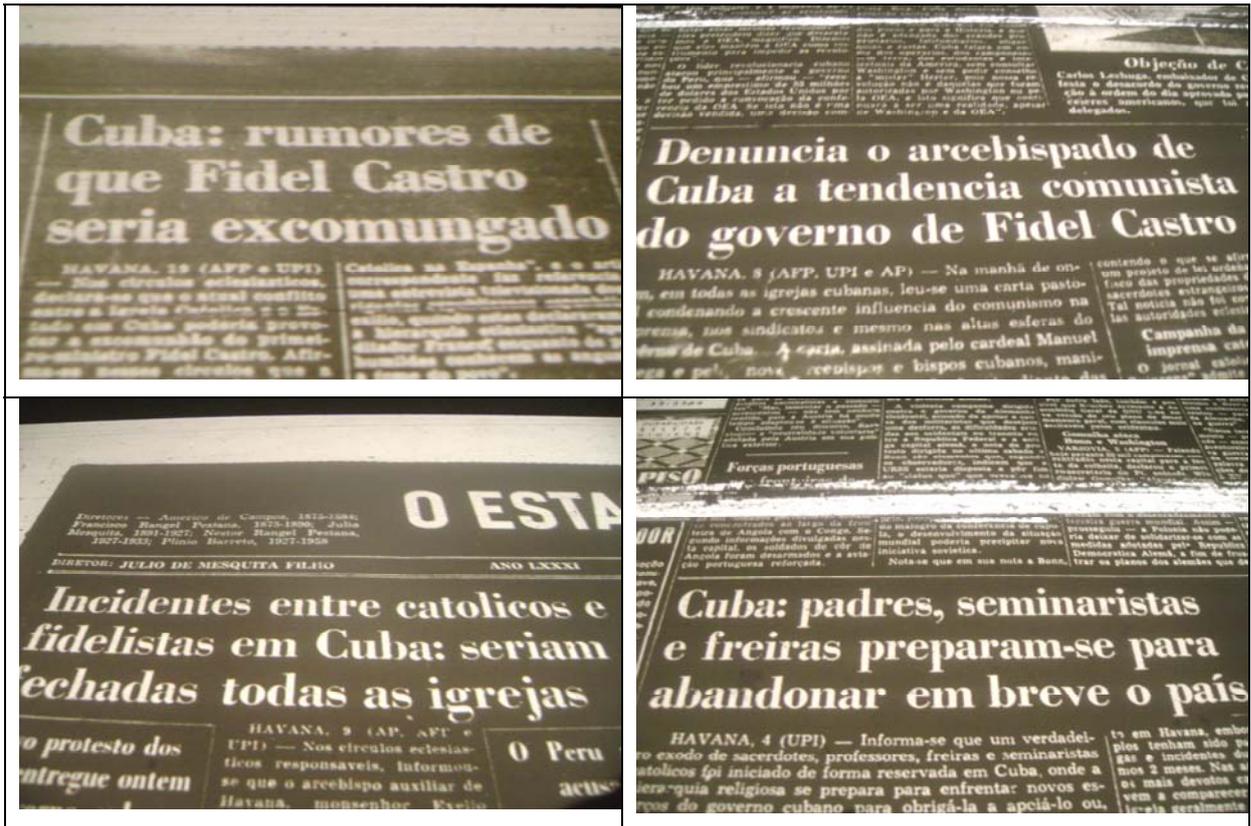


Foto: Manchetes de Jornal – Agosto e Setembro/1960
(Fonte: Jornal O Estado de São Paulo - Arquivo Pessoal)

Já com relação à Che, temos os ataques revoltados iniciando por volta do final do ano de 1959, quando então é nomeado para o cargo citado. Em Março de 1960 o jornal contém um texto de periódicos norte-americanos relativos às suas práticas.

Eua: focaliza a imprensa o dualismo de Guevara –Castro.

O editorial do “Daily Mirror” é hoje dedicado a Cuba. Ernesto

também substituir a religião no coração dos cubanos, atraindo para si a devoção popular.” MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o comunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p.74.

“Che”Guevara, que não é cubano, mas argentino, que não é economista, mas médico, que não é banqueiro, mas comunista, pode ser chefe do governo cubano?

(...) A revista Life (...)

É provável que as sanções econômicas não seivam para mudar a política exterior de Castro. Ainda que a sua política (...) pareça ser baseada em analfabetismo econômico, contém muito de verdadeiro masoquismo revolucionário. Quanto pior ficar a situação econômica em Cuba, mais heróica seria a austeridade que Fidel Castro imporia a seu povo, com lemas importados da China Popular.

(O ESTADO DE S. PAULO, 22-03-1960, p.2).

Toda ação proposta por Che, enquanto representante efetivo da organização econômica de Cuba passa a ser desqualificada e relegada à um plano inferior, com relação a todas as outras já conhecidas e aplicadas por lá, anteriormente. Deterioram a sua imagem e a conectam a um conceito ainda mais baixo e subjetivo, fazendo com que se torne uma espécie de propulsor do “analfabetismo econômico”. Temos ainda a figura de Fidel sendo associada a esse contexto, estabelecendo uma ligação de cunho superior, onde a imagem do líder obtém austeridade enquanto a situação da economia se agrava. Sugerem ainda que essa imagem de superioridade é baseada em lemas prontos e vindos de outros países socialistas, como no caso da China por exemplo.

A 10 de Julho de 1960, temos uma grande manifestação do jornal⁷⁶ com relação à Kruchev e suas atitudes de proteção à Cuba. Denotando a posição de união entre os dois países e a firme posição dos Estados Unidos com relação à essa questão.

Kruchev estende a proteção dos foguetes soviéticos à Cuba – Advertência grave mas não dramática

Nos círculos diplomáticos de Moscou, a declaração de Kruchev segundo o qual “os artilheiros soviéticos saberão defender Cuba com seus foguetes, no caso do Pentágono desfechar uma agressão armada contra aquele país”, é encarada como uma manifestação espetacular do apoio total do governo soviético ao regime revolucionário de Fidel Castro.

Eisenhower lembra a Kruchev que os EUA não admitirão um regime comunista na América.

⁷⁶ Observe que alguns dias após essa manifestação do jornal, temos uma carta publicada por Gustavo Corção – colunista - com a sua opinião, onde faz críticas e utiliza-se de adjetivos marcantes para apresentar o seu descontentamento e conseqüentemente o do próprio jornal, com relação a Cuba (ver ANEXO A).

NEW YORK, 9 (AP, AFP e UPI) – (...) declara os Estados Unidos que não deixarão dissuadir de seus propósitos por ameaças e que jamais permitirão o estabelecimento de um governo comunista em país do Hemisfério Ocidental

(O ESTADO DE S. PAULO, 10-07-1960, p.1 e 2).

Neste sentido, os meses seguintes contemplam uma diversidade de charges que acabam por representar a simpatia entre os dois países e o primeiro encontro entre Fidel Castro e Nikita em Nova York por ocasião de reunião da ONU.



Foto: CHARGE- Ballet em Manhattan – 23/09/1960.

(Fonte: Jornal O Estado de São Paulo - Arquivo Pessoal)

O QUE FICOU?

Em 19 de Fevereiro de 2008, temos a renúncia de um dos grandes líderes revolucionários da História. Fidel Castro Ruz, após anos de batalhas e incertezas passa o seu cargo ao também revolucionário Raul Castro.

A situação político-econômica de Cuba neste período comporta uma grande carência, pois muito do que fora proposto primordialmente, ainda com a participação de Ernesto Guevara, se perdera e sufocara a ilha em um patamar do qual nunca abandonara, o de produtora e exportadora de matéria-prima. Como nos mostra com propriedade Alice Havranek (1998, p.155), quando diz que “A situação atual demonstra que Cuba, carente de uma economia diversificada e auto-sustentada, não conseguiu romper com sua herança colonial produtora de artigos primários destinados à exportação.”

Com uma sociedade sacrificada pela ausência de produtos de primeira necessidade e alimentação adequada⁷⁷, temos o abandono do país por muitos indivíduos, que preferem tentar a vida na costa da Flórida.⁷⁸

Devido aos embargos econômicos, para estabelecer uma tentativa de aquisição de recursos e fortalecer o giro do capital interno e externo, temos a entrada de multinacionais, do turismo nos moldes europeus e diversas conseqüências advindas com esse contexto⁷⁹.

Diante da gradativa diferenciação social que vem se instaurando em Cuba com a entrada do turismo, do mercado negro e das multinacionais, verificada a emergência da prostituição e da mendicância, o povo cubano ainda não

⁷⁷ Devido ao desabastecimento, por ter uma produção agrícola (nos primeiros anos), voltadas essencialmente ao consumo interno.

⁷⁸ Com a proliferação de notícias relativas a esses casos, aparentemente, os dados tomam proporções maiores do que realmente se tem conhecimento. A taxa de dissidência de Cuba, não chega a 0,2% (dado estatístico datado de 2002).

⁷⁹ Proliferação de mendigos e prostitutas.

*conseguiu implementar uma ação de massas, organizada e independente que faça frente à perda das conquistas sociais alcançadas pela revolução.*⁸⁰

Por mais dificuldades que o povo cubano e seus dirigentes possam enfrentar, como tentativas de organização interna e suas relações externas, o imaginário construído em torno de uma grande ameaça revolucionária e a inculcação do comunismo em outros cantos do mundo, por sua parte, ainda são presentes e determinam muito do que ainda se faz por aqui e ali através da mídia.

No Brasil, o anticomunismo ainda é pregado, mesmo com a certeza do fim da guerra fria, com o fim da URSS e a afirmação de um alto grau do processo de globalização na primeira década do século XXI. No final do ano de 2007 e início de 2008, o alerta é acionado com as tentativas e posteriormente bem-sucedida saída de Fidel Castro. Dentre as muitas reportagens, tiragens, manchetes e notícias produzidas, temos as que mais se destacaram com as revistas: Veja, Época e Revista da Semana.

Em artigo de Roberto Pompeu de Toledo, O Ensaio, é apresentada uma breve passagem do diário de Arthur Schlesinger Jr. que possui anotações no período de 1952 à 2000.

De Fidel Castro a Marilyn

Em Junho de 1985, ei-lo em Havana, onde o esperava um daqueles caudalosos encontros com Fidel Castro. O líder cubano lembrou-o Lyndon Johnson pelo gosto do “contato físico”, o impulso de tocar o interlocutor. “É um homem de alta inteligência, ilimitada energia e um ardoroso showman”, lançou no diário. “É um líder muito grande para um país pequeno, e gostaria de governar o mundo, ou pelo menos a América Latina.”

(VEJA, 26-12-2007, p. 126)

A passagem do diário denota uma grande importância ao carisma do líder cubano, rotulando-o de “showman”, como detentor de um alto poder de convencimento, além disso ele menospreza o país desse líder, indicando que partindo dessa pequena ilha as suas ambições seriam muito maiores.

Com a Veja de Fevereiro de 2008 (ANEXO C), temos logo em sua capa uma imagem fotografada da sombra de Fidel Castro, onde apresenta as suas características como a barba, o contorno do rosto, o boné e a farda. No título temos a seguinte frase: “Já vai tarde – O fim

⁸⁰ Alice Havranek. Cuba na atualidade: O impasse e o silêncio COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. p.158

melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos”⁸¹. Na parte superior-esquerda da capa, temos a imagem do presidente Lula abrindo as suas vestes e apresentando um grande cifrão nas cores da bandeira brasileira e o texto que acompanha traz a seguinte afirmação: “Lula surfa nos bons números do capitalismo brasileiro.” Assim, identificamos claramente uma concentração anticomunista, onde há a contraposição do comunismo de Cuba fracassado, diante de um capitalismo do Brasil crescente e próspero ou até mesmo de uma esquerda devoradora em contraposição à uma iniciativa humilde da direita em se superar.

Ainda nesse número da revista, temos muitas imagens de Fidel e uma reportagem carregada de outras frases contra o governo da ilha, como por exemplo: “Um país de muito passado agora tem algum futuro”, “O castrismo acabou” e “Fidel e o golpe da revolução operada por outros meios.”⁸²

A revista *Época* de Janeiro (ANEXO D), traz em como capa a foto de uma imagem do rosto de Castro pintada em um muro cubano com a seguinte afirmação: “CUBA – O sonho dos revolucionários, o pesadelo da vida real – e o futuro que aguarda os cubanos.”⁸³ A reportagem central, referente à primeira página tem algo de diminuição, por definir-se da seguinte maneira em sua principal chamada:

Uma outra ilha é possível?

No 50º ano da revolução socialista de Fidel Castro, Cuba convive com duas realidades. Uma minoria privilegiada tem acesso a modernidades. A ilha se abre para turistas, empresas e dólares, mas a população ainda sofre com a censura e o atraso da ditadura.

(ÉPOCA, 21-01-2008, p.75)

A inflamada colocação acerca de um socialismo decadente, que remeteu um país ao atraso e descontentamento da população é muito bem evidenciado pelo autor do texto Ricardo Amaral, explicitando que o capitalismo seria uma melhor opção. Ainda nesse sentido Amaral

⁸¹ VEJA, 22-02-2008, p.1.

⁸² Loc. cit.- “A mitologia da resistência é uma trapaça ideológica a emprestar a homicidas compulsivos a dignidade de utopistas. Hoje, os nossos ‘cubanófilos’ estão empenhados em assaltar os cofres. E é bom lembrar: os ladrões vulgares não desistiram de solapar a democracia”.

⁸³ ÉPOCA, 21-01-2008, p.1

explora de entrevistas, onde os cidadãos expressam suas opiniões em prol do capitalismo crescente.⁸⁴

O mesmo periódico traz em sua capa, no mês de Fevereiro daquele ano (ANEXO E), uma foto de Fidel atualizada e bem próxima das lentes, com o seguinte texto: “Depois de FIDEL – Estamos diante de uma segunda revolução cubana?”⁸⁵ Esse tipo de chamada possui um sentido dúbio por lembrar-nos de todas as conquistas benéficas alcançadas pela revolução, em contrapartida à uma hipótese de contrair malefícios por uma nova mudança radical no país. No entanto, a reportagem principal que nos remete à capa contém frases e até mesmo trechos de textos repletos de sentimento anticomunista, como no caso da interrogativa seguinte (ÉPOCA, 2008, p. 81) : “O atraso do país e a decrepitude das regras estariam com os dias contados?” As palavras atraso e decrepitude encerram um sentido de decadência das leis compostas pelos seus governantes e a sua composição contempla um clima de incertezas sobre como deveria ser a nova presidência com a saída de Fidel.

Sobre a Revista da Semana, o que mais chama atenção do leitor é a riqueza de ilustrações coloridas referentes à saída do líder, além da maneira como é abordado esse contexto. A primeira página (capa) da edição 25 em Fevereiro de 2008 (ANEXO F), tem uma ilustração de Fidel idoso queimando a ponta de seu dedo indicador em formato de um charuto, dentro de um cinzero que leva a bandeira do país em sua lateral. As frases utilizadas, entre outros objetivos, concentram a busca pela “democracia”⁸⁶ de maneira a induzir que Cuba não contempla tal conceito. Veja os exemplos: “Adiós, Fidel”, “A renúncia depois de 49 anos”, “O que sobrou da revolução dos barbudos”, “A democracia vai chegar logo a Cuba?”⁸⁷

As ilustrações à que nos referimos completa uma coletânea de charges que satirizam e ao mesmo tempo se apropriam de anticomunismo, esclarecendo ainda mais os objetivos da revista.

⁸⁴ “(...) encontrou na internet uma brecha para expressar suas opiniões sobre o cotidiano de Cuba. Ela critica a falta de liberdade, o mercado negro e a má qualidade das roupas ‘recicladas’.” Ver mais em: ÉPOCA, 21-01-2008, p.78.

⁸⁵ ÉPOCA, 25-02-2008, p.1.

⁸⁶ Lembrando que a busca pela democracia apresentada no texto, refere-se àquela conhecida pelos direitistas e conservadores adeptos do capitalismo neoliberal.

⁸⁷ REVISTA DA SEMANA, 25-02-2008, p.1.



Imagem referente à cultura pop dos anos de 1960 – 1970/ propaganda turística.

(FONTE: Revista da Semana – FEV/2008).

A imagem acima ilustra uma discussão etimológica da palavra Cuba, proposta pelo escritor e jornalista Sérgio Rodrigues, onde explicita sua opinião anticomunista, trazendo como referência o saudosismo pelo anos anteriores à 1959, com o poder de Fulgêncio Batista, onde a ilha fora inspiradora de casais apaixonados, devido às suas paisagens paradisíacas e o ritmo caliente de suas boites.



Diário do Povo, Campinas, SP

Junião,
Diário do Povo,
Campinas, SP

Charge: Fidel Renúncia

(FONTE: Revista da Semana, FEV/2008).

Nessa charge, temos uma crítica ao líder, quando afirma uma espécie de apego ao cargo de chefe de Estado. Determina, também, que mesmo a possibilidade de troca de dirigente será manipulada por seus ideais.

Os recursos imagéticos utilizados pelas revistas são chamativos e muitas vezes proporcionam uma formação de opinião por aqueles que não têm conhecimento ou pouco dele, sobre o assunto tratado. Mas não só as revistas são patrocinadoras desses conceitos, como também as reportagens de jornais, como no caso do próprio Jornal O Estado de São Paulo.

Vejamos algumas dessas notícias e a maneira como são abordadas, no mês da saída de Fidel, em 2008.⁸⁸

Na página A-18 do dia 24 de Fevereiro de 2008, temos a seguinte chamada: “A renúncia do comandante – Cuba conhece hoje sucessor de Fidel – Assembléia Nacional oficializa saída de líder e define a nova hierarquia de poder; população não crê em mudanças.”⁸⁹ Esse último

⁸⁸ Lembrando que, todas as imagens e reportagens que comentam sobre o assunto, abordam uma soberania de Fidel, além de defini-lo como sendo sempre o centro de todas atenções.

⁸⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO: 24-02-2008, p. A-18.

trecho emite o propósito da reportagem, com uma tonalidade adversa e sem apoio ao fato, incitando o desconforto da manutenção do comunismo pelos populares.⁹⁰

Nesta tiragem do jornal, temos também no caderno Aliás uma longa reportagem, contendo muitas imagens dos irmãos Castro: Raul e Fidel. Dentre as chamadas que remetem ao anticomunismo, temos: “O longo e épico adeus – Fidel se afastou do poder como viveu sua vida sempre no centro das atenções.”, “As escaramuças na revolução são intermináveis e o futuro não chega”, entre outras.⁹¹

Ao passarmos por todos esses exemplos, ao cogitarmos a continuidade da proposta anticomunista em nosso país, podemos perceber que o socialismo, mesmo que como figura insignificante no mundo globalizado atual, continua por formalizar temores para os setores de conservadores de direita, como vimos na posição da mídia periódica (jornais e revistas) no ano de 2008.

O enfoque dado aos revolucionários cubanos e principalmente à figura de Fidel Castro, toma proporções alarmantes, pois chegam a dispender várias páginas explicativas sobre o processo de transição de governo. Nesse contexto, temos ainda mais acentuada a investigação, em forma de reportagem, de como serão as medidas e os rumos do país, devido à ansiedade em saber se haverá ou não uma converção radical do socialismo caribenho ao capitalismo norte-americano.

⁹⁰ Loc. cit. – “Nova política da ilha surge com sede de informação.”

⁹¹ O ESTADO DE SÃO PAULO: 24-02-2008, p. J-3.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho percebemos a importância dos meios propagandísticos na veiculação do anticomunismo no Brasil e como essa proposta define bases comportamentais e imaginárias para a afirmação de um governo autoritário e firme neste país. Para tais propósitos recortamos a afirmação do socialismo em Cuba e as influências que esta teve sobre os países da América Latina.

Para tal composição, o apanhado histórico da ilha de Cuba, no que se refere ao contexto de contato e expansão dos europeus pelo Novo Mundo se fez necessário, assim como a análise de questões relativas ao processo de independência de sua metrópole espanhola e a transferência de poderes ao imperialismo norte-americano. Nesse âmbito definimos como se formaram as novas conjunturas econômicas e políticas das classes dominantes e como se deu a estruturação de focos revolucionários. Apresentamos também como se deram os levantes e alguns personagens principais para a sua história. Além da estruturação de uma nova organização social, política e econômica implementada por guerrilheiros.

Após uma breve apresentação da esquerda brasileira, em especial o PCB, tivemos a oportunidade de somar as falhas das tentativas revolucionárias às ausências interpretativas da teoria marxista-leninista, aplicando conceitos de maneira inadequada à realidade brasileira. Determinamos assim, a ênfase dada pelos comunistas, a grupos sociais como a pequena-burguesia e seus anseios, sem que percebessem que o papel daqueles nada tinha de revolucionário.

Assim como as propostas do Partido e de muitos outros grupos esquerdistas do período estudado, observamos a não-ameaça efetiva, da implementação comunista por aqui, todavia, muitos laços, grandes realizações (passeatas, comícios, etc.) e divulgações foram realizados, fazendo-se circular pelas mentalidades populares.

A Revolução Cubana, tomada como mote, muito teve de particular e específico em sua luta contra o imperialismo. Cercada por dificuldades internas e problemas de relações externas, mal conseguia criar raízes em meio a tão turbulentos ataques. Recebera pouco a pouco os laços comunistas como apoio necessário para a sua sobrevivência. Neste sentido, mal poderia tal

proposta especificar novos levantes, tampouco novas estruturas em outros países.

A mídia jornalística (Jornal O Estado de São Paulo), fortalece um tipo de construção voltada para o anticomunismo, onde Cuba e seu novo programa tornam-se uma ameaça latente. Essa conjuntura propicia várias discussões acerca do devido incentivo para a decadência do governo de Jango e a chegada dos militares ao poder através do Golpe de 1964.

Toda a construção anticomunista do período agregou valores aos indivíduos pertencentes aos movimentos e até mesmo àqueles que apenas liam as manchetes de jornal. Esses valores tornaram-se intrínsecos à população, perdurando e contagiando gerações futuras. Isso pôde ser constatado através de leituras de periódicos lançados atualmente com a renúncia do chefe político cubano à poucos meses de completar 50 anos de aniversário da revolução.

Podemos dizer que as críticas colocadas em reportagens como essas pouco têm de um espírito contestador e violento contra a instalação do comunismo no Brasil, porém as divulgações agressivas e persuasivas persistem ao ponto de manterem um imaginário repleto de características avessas a tal regime.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz A. Moniz. *O governo João Goulart – As Lutas Sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 320p.

BLANCO Abelardo & DORIA, Carlos A. *Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868 -1959)*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 108p.

CAPELATO, Maria Helena. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal: O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

_____ *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasileira, 1989.

CASTRO, Fidel. *A História me absolverá*. Trad. Pedro Pomar. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998. 229p.

CORTEZ, Hernan. *A conquista do México/ Hernan Cortez*; Tradução de Jurandir Soares dos Santos. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2007. 226 p.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*; Tradução: UFMG. Rio de Janeiro: Vozes, 1981. 813p.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 2007. 657p.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 352 p.

FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito da revolução na esquerda brasileira (1920-1946)*. Tese de Doutorado PUC/SP. 1993. 408p.

GORENDER, Jacob. *O Combate nas trevas*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987. 293 p.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 427p.

IANNI, Octavio. *A ditadura do grande capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o comunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. 297p.

NAPOLITANO, Marcos. Coord. Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado. *O regime militar brasileiros: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998. 108 p.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o Debate Econômico em Cuba*. São Paulo: Xamã, 2004.

PRADO, Caio Jr. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966. 267p.

SADER, Emir. *Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992. 84 p.

SADER, Eder. *Che Guevara: política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 304p.

SANTOS, Ana Maria. *América Latina: dependência, ditaduras e guerrilhas*. In: *O Sèculo XX volume III, O tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, págs. 65 – 95.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1982, 123 p.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35*. Cia. das Letras, São Paulo, 1992. 310 p.

FILMES

AO ENCONTRO DE FIDEL. Direção: Oliver Stone. Produção: Fernando Sullichin e Alvaro Longoria. Cuba: Morena Filmes, 2003. 1 DVD (57 min), son.,color.

A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE FIDEL CASTRO. Direção: Victor Pahlen. Cuba: Magnus Opus, [s.d]. 1 DVD (49 min), son., color.

BRONENOSETS POTYOMKIN. Direção: Sergei Eisenstein. Produção: S/n. Roteiro: S/n. Rússia: 1925. 1 DVD (74 min), son., preto-e-branco.

CHE GUEVARA, ASCENÇÃO E QUEDA. Direção: Eduardo Montes-Bradley. Produção: Soledad Liendo. [s.l.], Patagonia Film Group. 2008, 1 DVD (52 min.), son, color.

CHE O ARGENTINO e CHE O GUERRILHEIRO. Direção Steven Sorderbergh. Produção: Benício Del Toro. Roteiro: Peter Buchman. Intérpretes: Benício Del Toro, Demian Bichir e outros. [s.l.]: IFC Pictures Entertainment; 2008. 2 DVDS (356 min), son., color.

CUBA – A REVOLUÇÃO ILHADA. Brasil: TV Cultura, 1997. 1 DVD (45min), son., color.

GOLPE DE 1964. Direção: Guilherme Fontes. Produção: Mauro Lima Roteiro: Fernando Moraes. Intérpretes: Marcelo Antony, Ana Borges e Augusto Xavier. Brasil: Globo Filmes: [s.d.], 1 DVD (36 min), son, color.

JANGO. Direção: Sílvio Tandler. Narração: José Wilker. Brasil: Caliban. [s.d.], 1 DVD (60 min), son, preto-e-branco.

JÂNIO À 24 QUADROS. Direção: Luiz Alberto Perereira. Produção: Secretaria da Cultura so Estado de São Paulo. Roteiro: Luiz Alberto Pereira. Intérpretes: David Pennington, Prof. Galdêncio, Augusto Sevá e Leba Bartmann, entre outros. Brasil: Empresa Brasileira de Filmes, [s.d], 1 DVD (90 min.), son., color.

LA REVOLUCIÓN CUBANA EM IMÁGENES – ENEROS DE VICTORIAS. Direção: Adolfo Marino. Cuba: Mundo Latino, 1999, 1 DVD (60 min), son., color.

MEMÓRIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO. Direção: Tomáz Gutiérrez Aléa. Produção: Miguel Mendonza. Cuba. [s.d], 1 DVD (95 min),son., preto- e- branco.

O VELHO – A HISTÓRIA DE LUIZ CARLOS PRESTES. Direção Toni Venturi. Produção: Flávia Cerri. Roteiro: Di Moreti. Narração de Paulo José. Brasil: Rio Filme, [s.d], 1 DVD (95 min.), son., color.

SOY CUBA. Direção: Mikhail Kolatozov. Produção: A Joy Production Of Mosfilm and ICAIC. Roteiro: Yevgany Yevtustenko. URSS: 1964, 1 DVD, son., preto-e-branco.

UN HOMBRE Y UN PUEBLO. Direção: OTTO MIGUEL GUSMÁN. Produção: Enrique Prendes. Cuba: Mundo Latino, 2006, 1 DVD (50 min.), son., color.

JORNAIS

Correio da Manhã – JAN/1963.

O Globo – MAI/1962.

Folha de São Paulo –FEV/2005 e ABR/2008

REVISTAS

Carta Capital – FEV/2008.

Época – JAN/2008; FEV/2008.

Revista da Semana – FEV/2008.

Veja – DEZ/2007; FEV/2008.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FICO, Carlos. *O Grande Irmão – da Operação Brother San aos anos de Chumbo – O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira*. 2ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MERGULHÃO, Benedicto. *O Bagageiro de Stalin*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1946.

WEY, Beatriz. *O Granma e a Imaginação Nacional (1965-1975)*. Dissertação de Mestrado PUC/SP. 1998.

A História da Eletricidade no Brasil [s.l.], [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.sel.eesc.sc.usp.br/protecao/SiaeEESC/conteudodehistoricobrasil.htm>> Acesso em: 16/10/2008

FONTES

Arquivo do Estado de São Paulo = Jornal – O Estado de São Paulo (dia-a-dia) – 1959, 1960 e Fevereiro de 2008.

GLOSSÁRIO

CAPITALISMO - Sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando o lucro e empregando trabalho assalariado.

COMUNISMO - Sistema econômico e social baseado na propriedade coletiva, desenvolvido teoricamente por Karl Marx, e proposto pelos partidos comunistas como etapa posterior ao Socialismo.

ESQUERDA - Conjunto de partidários de uma reforma ou revolução socialista ou comunista.

GUERRILHA – Luta armada travada por grupos constituídos irregularmente.

HERESIA - Doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé.

REVOLUÇÃO – Transformação radical de estrutura política, econômica e social.

SOCIALISMO - Conjunto de doutrinas que se propõem promover o bem comum pela transformação da sociedade e das relações entre as classes sociais, mediante a alteração do regime de propriedade.

TRADICIONALISMO - Apego às tradições ou usos antigos, no caso àqueles de direita.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MAPA DA ILHA DE CUBA: REPRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DOS REVOLUCIONÁRIOS DE SANTIAGO DE CUBA (SIERRA MAESTRA), ATÉ HAVANA.



APÊNDICE B – BREVE HISTÓRICO SOBRE A POLÍTICA DE LUIZ CARLOS PRESTES.

No início da década de 1920, o tenente Luiz Carlos Prestes torna-se um mito revolucionário, denominado: O Cavaleiro da Esperança. Junto com seus companheiros militares, ambicionava a retirada do governo do presidente Arthur Bernardes.

Prestes liderou um movimento que contornou diversas regiões humildes e precárias do Brasil, com o auxílio dos tenentes, rumo a um objetivo comum de salvação nacional.

A trajetória de sua coluna encerra em Santa Cruz de La Sierra na Bolívia em 1927, quando então, tem o seu primeiro contato com o marxismo através da obra: O Manifesto do Partido Comunista, levado até ele por Astrogildo Pereira, secretário geral do PCB.

No governo de Washington Luiz, temos intenções do então candidato à presidência Getúlio Vargas, em comprar os tenentes para realizar uma revolução em 1930, com o objetivo de tomar o poder das oligarquias cafeeiras, como nos coloca Bóris Fausto (2007), que deveriam ser retirados do poder os velhos oligarcas, contrários às grandes transformações.⁹²

Há uma proposta feita a Prestes, por GV de 800 contos de réis em pedir o seu apoio, resultando na negativa por parte deste e a adesão maciça dos seus companheiros tenentes.

Segue então para o exílio em Moscou, no ano de 1931. Ao retornar ao Brasil, com o apoio do exército vermelho, ainda na clandestinidade, Luiz Carlos determina sua posição comunista e prepara um golpe nos idos de 1935.⁹³

O fracasso dessa proposta leva-o novamente ao exílio por nove anos. Em 19/04/1945, com o fim do Estado Novo e a anistia aos presos políticos, ele retorna ao Brasil e torna-se secretário geral do PCB. Nesse mesmo ano, também conquista o cargo de senador da República, realizando várias conquistas para os comunistas no Brasil.

Nos anos seguintes, com uma clandestinidade ainda mais restrita retornando, temos com o Marechal Gaspar Dutra, a eliminação de 55 dirigentes comunistas, permitindo à Prestes um anonimato que duraria de janeiro de 1948 até março de 1958.

⁹² Ver mais em: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 2007. 657p.

⁹³ Jacob Gorender cita que “Prestes é um stalinista impedernido”. *In*: O VELHO – A HISTÓRIA DE LUIZ CARLOS PRESTES. Direção Toni Venturi. Produção: Flávia Cerri. Roteiro: Di Moreti. Narração de Paulo José. Brasil: Rio Filme, [s.d], 1 DVD (95 min.), son., color.

Começa o processo de realinhamento do PCB, onde Prestes cita que Stalin era a “personificação da luta revolucionária” reavaliando o Partido com a nova ordem socialista.⁹⁴

Às vésperas do Golpe Militar de 1964, ainda integrando o Partido Comunista, temos o seu total apoio a João Goulart, sem uma maior mobilização das massas para conter os objetivos imperialistas militares.

Segundo citação de Luiz Carlos Prestes, temos:

A burguesia brasileira com medo da classe operária que vinha obtendo grandes vitórias e grandes aumentos salariais, a inflação crescia, a situação econômica também já entraria em estancamento, em retrocesso.

*Aproveitaram toda essa situação para com o dinheiro do imperialismo preparar um golpe militar em 1964.*⁹⁵

Os passos seguintes de Prestes são novamente no exílio na URSS, que duraria até a abertura política e o fim do regime militar, com o seu retorno ao Brasil por volta do ano de 1978. Partindo daí, deixa de participar efetivamente do PCB e dedica-se à comícios, estudos particulares e palestras sobre o comunismo e a luta operária.

⁹⁴ Naquele período Nikita Krushev apresenta relatório com o extermínio de mais de 20 milhões de pessoas, segundo a política de depuração social de Stálin.

⁹⁵ O VELHO – A HISTÓRIA DE LUIZ CARLOS PRESTES. Opus cit.

APÊNDICE C- TRECHOS DE REPORTAGENS DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE A VISITA DE JÂNIO QUADROS À CUBA EM MARÇO DE 1960.

17-03-1960	<p>Pág -5- “Amplamente justificada na Câmara a viagem dos Sr. Jânio Quadros à Cuba (Pelo deputados Seixas Dória).”</p> <p>(...) É necessário ter-se coragem de tomar atitudes másculas no campo da política internacional, se se deseja levar avante o desejo de libertação nacional.</p> <p>(...) Quem pergunta por que é Cuba, e não outras ou todas as nações da América (...) as outras não apresentam nada de extraordinária no campo político, nem estão submetidas à uma experiência de transformação social profunda, como a chamada “Pérola das Antilhas.”</p>
07-04-1960	<p>Pág -2- “Jânio defende conquistas da Revolução Cubana.”</p> <p>RIO, 6 (“Estado”) – O deputado Jânio Quadros concedeu hoje uma entrevista coletiva à imprensa no Hotel Glória , fazendo um relato que observou em suas viagens a Cuba e Venezuela.</p> <p>O ex-governador de São Paulo classificou de “honesto e operoso” o governo revolucionário de Cuba (...) “No entender, merecem a revolução e sua obra, dadas as peculiaridades cubanas, o respeito e a compreensão de homens livres.”</p> <p>(...) Jânio Quadros mostrou-se entusiasmado com a personalidade de “Chê” Guevara, dizendo – o um homem resolutivo, um democrata com tendências socializantes.</p>
29-03-1960	<p>Pág -3- “Os nomes de Jânio e Fidel aparecem juntos em faixas.”</p> <p>(Em visita à alguns bairros paulistanos – Santa Isabel, Carrão, Vl. Gomes Cardim entre outros- Jânio realiza sua campanha).</p> <p>“Cuba precisou de Fidel – o Brasil precisa de Jânio”; Jânio leve a Fidel Castro o abraço dos moradores deste bairro”; “Jânio e Fidel Castro dois grandes nacionalistas.”</p>

APÊNDICE D – OUTROS TÍTULOS/ TEMAS/ CHAMADAS DE REPORTAGENS RELATIVAS A CUBA, DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO DOS ANOS DE 1959 E 1960 E 1964.

1959	25-06, p.9	CIDADÃO INGLÊS CONDENADO A MORTE.
	08-07, p.2	CUBA: PENA DE MORTE PARA CRIMES CONTRA A ECONOMIA.
	14-08, p.1	A RUSSIA ADQUIRIU 170 MIL TONELADAS DE AÇÚCAR CUBANO.
	10-11, p.1	WASHINGTON: SÃO INEXATAS, MALICIOSAS E CAPCIOSAS AS AFIRMAÇÕES DE HAVANA.
	18-12, p.2	CUBA: SERIAM REINICIADOS AMANHÃ OS FUZILAMENTOS.
1960	01-01, p.2	SOMBRIAS PERSPECTIVAS PARA CUBA EM 1960.
	23-01, p.1	AS ATITUDES DE CASTRO CAUSAM GRAVE PREJUÍZO A TODA AMÉRICA LATINA.
	19-02, p.2	OS EUA ADOTAM MEDIDAS VISANDO DETER A SAÍDA DE ARMAS PARA OS CUBANOS.
	27-05, p.2	O GOVERNO TOTALITÁRIO CUBANO CONSTITUI UMA GRAVE AMEAÇA A TODOS OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA.
	25-06, p.1	GEORGE ALLEN DENUNCIA: CUBA É A PRINCIPAL CABEÇA DE PONTE DO COMUNISMO INTERNACIONAL.

ANEXOS

ANEXO A – REPORTAGEM DO ESTADO DE S. PAULO – JULHO DE 1960 – POR GUSTAVO CORÇÃO.

CUBA

Embora possa eleger a meu favor a constancia com qu venho, nestas colunas, servindo a Deus e aos homens dentro de minhas possibilidades, não posso evidentemente, gabar-me de haver escrito tanto e tantas linhas sem ter deixado atrás de mim artigos, pronunciamentos, cuja simples lembrança me encham de confusão e mágoa. Por este ou aquele defeito, muitos há que eu preferiria, simplesmente não ter escrito. Nenhum, entretanto, ao menos entre os mais recentes, me pesa tatno como o que eu escrevi em janeiro de 1959 para homenagear o moço vitorioso da revolução cubana, que apresentei aos meus leitores como um autêntico herói da democracia.

Bem sei, leitor amigo e compassivo, que o fato de ter sido Fidel Castro o castigador de Batista já bastava para entusiasmar quem sempre detestou a opressão, e sempre frisou seu ódio pelas reformas fascistas da tirania. Mesmo assim, eu deveria ser mais cauteloso nos elogios, por saber que um povo que aturou Batista tanto tempo deve estar despreparado para a grande aventura de autonomia nacional.

Hoje, passados dezoito meses, nem mesmo com muito açúcar engulo esse Fidel Castro, o mesmo que aplaudi naquela data, com incontidas expressões de entusiasmo. Mudei eu? Não! Não mudei meus eixos e critérios. E penso que também não mudou Fidel Castro. O que houve foi engano meu e precipitação. De qualquer modo, é para compensar aquele entusiasmo tão mal aplicado, faço questão de deixar bem claro, bem nítido o que hoje penso do ditador cubano. Não tenho nenhuma simpatia pela posição que tomou, pelos discursos que faz, pelo terreno que propicia ao ditador soviético. Com os riscos de escandalizar os que defendem sistematicamente as soberanias nacionais (exetando evidentemente os países que a Rússia absorveu), ousou dizer que, por meu gosto, haveria intervenção em Cuba e na República Dominicana. Sim, intervenção dos outros países do continente, e até intervenção armada se

fosse preciso. E como falam espanhol os dois povos, sugeriria que o México tomasse conta deles até melhor prova de maturidade política e de direito real a uma emancipação.

É preciso lembrar aos que andam esquecidos que Cuba deve sua liberdade, ou melhor sua autonomia nacional, seu contorno político de país independente, a um país chamado Estados Unidos da América do Norte. Foi em guerra contra a Espanha que esse país, hoje detestado pelos mocinhos que julgam ter atingido o pináculo da sabedoria quando pensam que ele, o referido país, consubstancia toda a miséria e malignidade do capitalismo. Foi naquela guerra que os Estados Unidos conquistaram para o povo cubano o título que hoje tem. Foi o mesmo país que curou a febre amarela do povo cubano. Sim, numa experiência que iria servir de base à experiência de nosso Oswaldo Cruz, a miséria física do povo cubano foi tratada e curada por higienistas americanos. Cumpre ainda lembrar que Cuba teve, no comércio do açúcar, um tratamento privilegiado, um preço mais alto do que o mercado mundial. Ora, depois de tudo isto, não só os cubanos mostram os dentes do ódio aos seus libertadores com também aqui, por uma cerimônia esquisita, os jornais mas sensatos chegam a conceder que houve “pressão econômica contra a soberania cubana”. Ora, se para alguma coisa serve a tal “soberania”, a meu ver, deve ser para o país que ostenta poder comprar o açúcar que quiser e onde lhe apetecer. É curioso! A mim me pareceu que os Estados Unidos erraram em não cortar logo toda a compra de açúcar; e também me pareceu ao contrário do que pensam os nossos melindrosos produtores, que o Brasil devia aproveitar a oportunidade feliz para vender o seu produto. Li com estupor, uma declaração daqueles açucareiros nacionais que me deixaram crente numa espécie de budismo, ou de religião ainda mais desinteressada de tudo, que houvesse acometido a honrada classe.

Soberania deve também servir para dar às embaixadas dos países garantias maiores do que as das quotas de açúcar. Li ontem que o ditador dominicano ficou consternadíssimo com o desagradável incidente. Dizia o telegrama que não houve brasileiro morto. Mas houve dominicano assassinado dentro de nossa casa! Para mim é o mesmo que matar brasileiro. E se não for assim eu pergunto para que servirão as embaixadas.

Algum leitor dirá que misturo indevidamente os dois casos, mas enganam-se. Os dois casos realmente se misturam proque se assemelham no que têm de sinais de imaturidade política e de totalitarismo.

ANEXO B - REPORTAGEM DO ESTADO DE S. PAULO – MAIO DE 1961 – POR
GUSTAVO CORÇÃO.

DE UM DIA PARA O OUTRO

A sovietação de Cuba – oficial e formalmente proclamada por Castro na noite de ontem – não é apenas grave, extremamente grave, mas constituiu também um acontecimento inédito na história da guerra fria. Os satélites de todos os tamanhos surgiram, com a única exceção da Áustria, em todos os países, da Europa ou da Ásia, nos quais os soviéticos - / e, mais tarde, os chineses – estiveram em condições de apoiar as minorias comunistas e guindá-las pela sua própria força de poder. De fato, as chamadas democracias populares se instalaram em todas as nações balcânicas, danubianas e bálticas ocupadas pelas forças armadas da URSS, durante a segunda guerra mundial, bem como na parte da Alemanha “libertada” pelas divisões de Stálin. A Iugoslávia, que dispensou o auxílio russo, foi de fato o primeiro e único país da Europa Oriental que, apesar de se rotular de comunista, logrou sair da órbita imperial de Moscou. Nos mapas, pois, a cortina de ferro coincide com os limites alcançados pelas forças armadas soviéticas, assim como, no Extremo Oriente e na Ásia sul-oriental, o comunismo chega somente onde pode chegar o ferro da lança militar chinesa, isto é, o Vietnã do Norte, a Coreia Setentrional e o Pathet Lao. A difusão do comunismo pelo mundo afora foi portanto, até agora, um fato exclusivamente militar. Contra esse pano de fundo, o fenômeno cubano é sem precedentes. Essa democracia popular que se instala, fora de qualquer nexos geográfico, econômico e estratégico, a doze mil quilômetros de Moscou, é um fato que se pode explicar não tanto pela habilidade da URSS quanto pelos erros dos Estados Unidos e, acima de tudo, pela traição de Fidel Castro. Traição total que renega o movimento da Sierra Maestra, a revolução americana, os interesses e o futuro de Cuba.

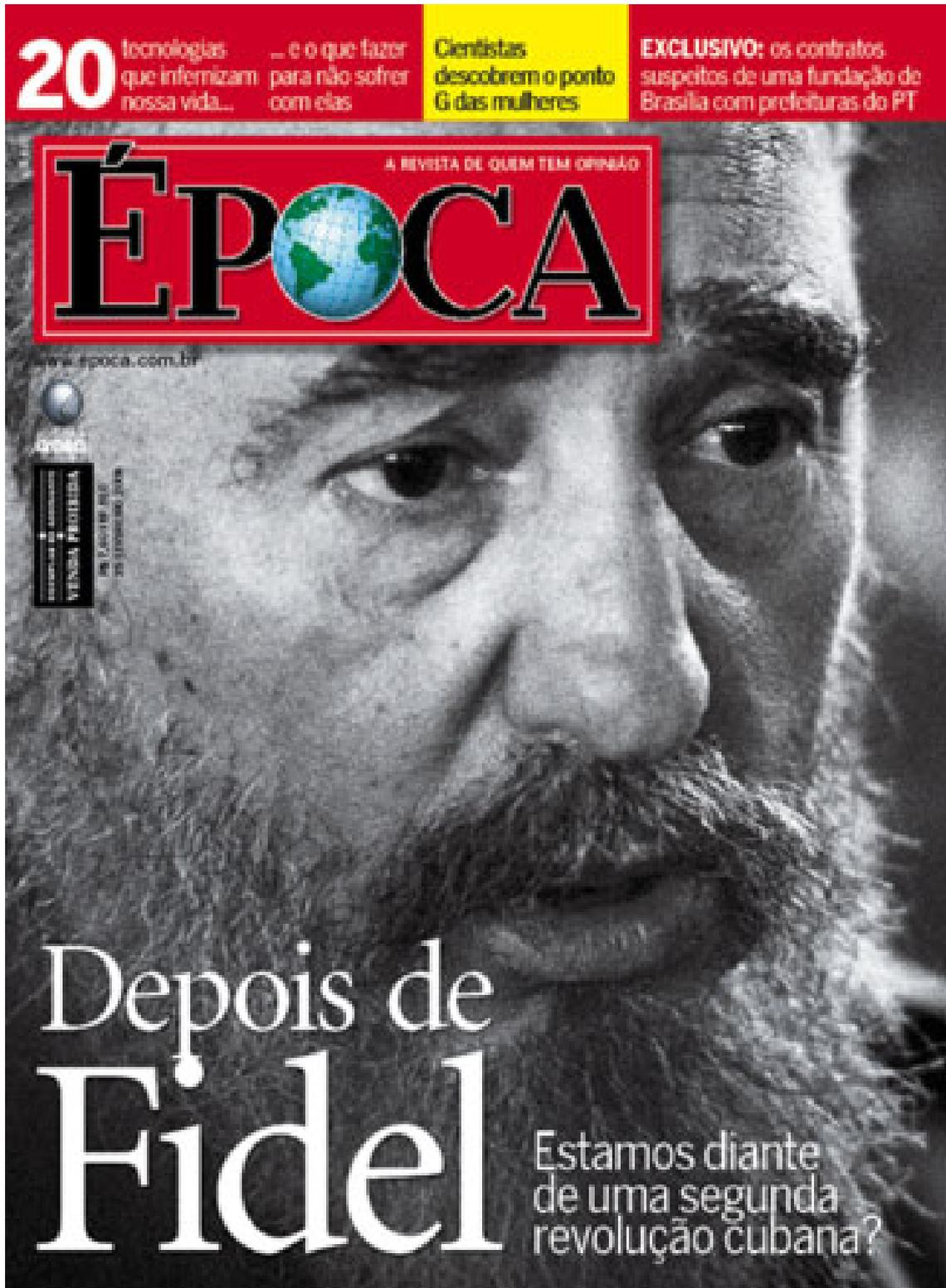
Na verdade, nada contraria mais esses interesses e esse futuro quanto o advento da “democracia popular” que, isolando Cuba do contexto americano em que vive e de que vive, material e espiritualmente, coloca-a fora da própria lógica natural das coisas, deixando-a a mercê de um protetor distante e ambíguo. E não é tudo. Castro cometeu um erro irreparável também do ponto de vista de sua polêmica e de seus ódios pessoais. Ninguém lhe podia negar o direito de adotar uma posição de neutralidade ou de dar um determinado sentido, dentro de seu próprio país, à revolução americana. De certo, porém, não lhe assiste o direito de passar-se para o campo inimigo e de tornar-se arauto da revolução comunista neste Hemisfério, e agente dos interesses imperiais da Rússia. Quanto à traição aos cubanos podemos notar que foi

consumada com um cinismo que supera até mesmo o dos soviéticos e de seus proconsules nos países satélites. Aí, de fato, há pelo menos o escrúpulo de salvar as aparências, realizando paródias de eleições. Nada disso em Cuba. O poder, decretou Castro, pertence ao povo. Por que, pois, o povo deveria procurar obter por meio de eleições o que já possui? De acordo com a praxe, também em Cuba a ditadura do proletariado se reduz à ditadura de um tirano, ou de uma oligarquia. Eis aqui um ângulo interessante pelo qual considerar a questão cubana nas próximas reuniões da OEA, que deverão ser convocadas oportunamente não tanto para combater Cuba quanto para defender as democracias americanas. Essas reuniões, note-se, se fazem necessárias, especialmente agora, depois do adiamento “sine die” da Conferência iteroamericana, que se devia reunir, ainda este mês, na capital do Equador – G.C.

ANEXO C – CAPA DA REVISTA VEJA DE FEVEREIRO DE 2008 (EDIÇÃO 2049)



ANEXO E – CAPA DA REVISTA ÉPOCA – FEVEREIRO DE 2008 (EDIÇÃO 510).



ANEXO F – CAPA DA REVISTA DA SEMANA – FEVEREIRO DE 2008 (EDIÇÃO 25).



ANEXO G – REPORTAGEM DA FOLHA DE S. PAULO – FEVEREIRO DE 2005
ILUSTRADA – E-3 (adaptação).

CLÁSSICO DE 1925 DO DIRETOR RUSSO SERGEI EISENSTEIN É RESTAURADO POR
TÉCNICOS NA ALEMANHA SEM OS NEGATIVOS ORIGINAIS. BERLIM ASSISTE À
NOVA VERSÃO DE ‘POTEMKIN’

Apesar dos aplausos entusiasmados após a primeira exibição da cópia restaurada de “O Encouraçado Potemkin” (1925), de Sergei Eisenstein, no último sábado, Enno Patalas, o coordenador da nova versão sabia não ter feito o melhor trabalho possível.

Para quem viu a sessão (que levou Fernanda Montenegro às lágrimas), engrandecida com a apresentação da Orquestra de Cinema de Belsberg, o resultado visual parecia aquém do esperado, com riscos na projeção. O motivo não foi divulgado publicamente: a recusa do governo russo, segundo Patalas, em liberar os negativos originais para o projeto.

“Esse projeto teve uma polêmica diplomática. Houve até mesmo uma troca de cartas entre os ministros da Cultura da Rússia e da Alemanha, mas os russos se recusaram a liberar o negativo”. (...)

Patalas estranhou que as autoridades russas nem chegaram a confirmar presença para a apresentação de gala, no sábado. “Creio que eles não queiram se identificar com aquele período revolucionário. Agora, com essa ressurreição de uma mentalidade sãoopetersburguiana, nem sei se haverá comemoração à revolução de 1905 [o tema central de Potemkin], que antecedeu a Revolução de Outubro”, contou.

(...) Uma das novidades da nova versão é o texto introdutório de Trotsky, que havia sido retirado pelos russos e trocado por um de Lênin. (...)